

RUBEM
FONSECA

Histórias
de Amor

Rubem Fonseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

RUBEM
FONSECA
1997

Rubem Fonseca
HISTÓRIAS DE AMOR



Armen

Fonseca

**HISTÓRIAS
DE AMOR**
Rubem Fonseca

Copyright © 1997 Rubem Fonseca

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela **EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.** Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso

Rio de Janeiro – RJ – 21042-235

Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

“Carpe diem” foi publicado em separata, com o título “História de amor”, numa edição fora do mercado comemorativa do décimo aniversário da Companhia das Letras.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

F747h

2.ed.

Fonseca, Rubem, 1925

Histórias de amor / Rubem Fonseca. - 2.ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2012.

ISBN 978-85-209-3647-4

1. Conto brasileiro. I. Título.

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

*Há o amor, é claro.
E há a vida, sua inimiga.*

JEAN ANOUILH

SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Ficha catalográfica](#)

[Epígrafe](#)

[Betsy](#)

[Cidade de Deus](#)

[Família](#)

[O anjo da guarda](#)

[Viagem de núpcias](#)

[O amor de Jesus no coração](#)

[Carpe diem](#)

[Vastas emoções \(Sérgio Augusto\)](#)

[Resenha \(Ermínio Rodrigues\)](#)

[O autor](#)

[Créditos](#)

BETSY

Betsy esperou a volta do homem para morrer.

Antes da viagem ele notara que Betsy mostrava um apetite incomum. Depois surgiram outros sintomas, ingestão excessiva de água, incontinência urinária. O único problema de Betsy até então era a catarata numa das vistas. Ela não gostava de sair, mas antes da viagem entrara inesperadamente com ele no elevador e os dois passearam no calçadão da praia, algo que ela nunca fizera.

No dia em que o homem chegou, Betsy teve o derrame e ficou sem comer. Vinte dias sem comer, deitada na cama com o homem. Os especialistas consultados disseram que não havia nada a fazer. Betsy só saía da cama para beber água.

O homem permaneceu com Betsy na cama durante toda a sua agonia, acariciando o seu corpo, sentindo com tristeza a magreza das suas ancas. No último dia, Betsy, muito quieta, os olhos azuis abertos, fitou o homem com o mesmo olhar de sempre, que indicava o conforto e o prazer produzidos pela presença e pelos carinhos dele. Começou a tremer e ele a abraçou com mais força. Sentindo

que os membros dela estavam frios, o homem arranhou para Betsy uma posição confortável na cama. Então ela estendeu o corpo, parecendo se espreguiçar, e virou a cabeça para trás, num gesto cheio de langor. Depois esticou o corpo ainda mais e suspirou, uma exalação forte. O homem pensou que Betsy havia morrido. Mas alguns segundos depois ela emitiu outro suspiro. Horrorizado com sua meticulosa atenção o homem contou, um a um, todos os suspiros de Betsy. Com o intervalo de alguns segundos ela exalou nove suspiros iguais, a língua para fora, pendendo do lado da boca. Logo ela passou a golpear a barriga com os dois pés juntos, como fazia ocasionalmente, apenas com mais violência. Em seguida, ficou imóvel. O homem passou a mão de leve no corpo de Betsy. Ela se espreguiçou e alongou os membros pela última vez. Estava morta. Agora, o homem sabia, ela estava morta.

A noite inteira o homem passou acordado ao lado de Betsy, afagando-a de leve, em silêncio, sem saber o que dizer. Eles haviam vivido juntos dezoito anos.

De manhã, ele a deixou na cama e foi até a cozinha e preparou um café puro. Foi tomar o café na sala. A casa nunca estivera tão vazia e triste.

Felizmente o homem não jogara fora a caixa de papelão do liquidificador. Voltou para o quarto. Cuidadosamente, colocou o corpo de Betsy dentro da caixa. Com a caixa debaixo do braço caminhou para a porta. Antes de abri-la e sair, enxugou os olhos. Não queria que o vissem assim.

CIDADE DE DEUS

O nome dele é João Romeiro, mas é conhecido como Zinho na Cidade de Deus, uma favela em Jacarepaguá, onde comanda o tráfico de drogas. Ela é Soraia Gonçalves, uma mulher dócil e calada. Soraia soube que Zinho era traficante dois meses depois de estarem morando juntos num condomínio de classe média alta da Barra da Tijuca. Você se importa?, Zinho perguntou, e ela respondeu que havia tido na vida dela um homem metido a direito que não passava de um canalha. No condomínio Zinho é conhecido como vendedor de uma firma de importação. Quando chega uma partida grande de droga na favela, Zinho some durante alguns dias. Para justificar sua ausência Soraia diz, para as vizinhas que encontra no playground ou na piscina, que o marido está viajando pela firma. A polícia anda atrás dele, mas sabe apenas o seu apelido, e que ele é branco. Zinho nunca foi preso.

Hoje à noite Zinho chegou em casa depois de passar três dias distribuindo, pelos seus pontos, cocaína enviada pelo seu fornecedor em Puerto Suarez e maconha que veio de Pernambuco. Foram para

a cama. Zinho era rápido e rude e depois de foder a mulher virava as costas para ela e dormia. Soraia era calada e sem iniciativa, mas Zinho queria ela assim, gostava de ser obedecido na cama como era obedecido na Cidade de Deus.

“Antes de você dormir posso te perguntar uma coisa?”

“Pergunta logo, estou cansado e quero dormir, amorzinho.”

“Você seria capaz de matar uma pessoa por mim?”

“Amorzinho, eu mato um cara porque ele me roubou cinco gramas, não vou matar um sujeito que você pediu? Diz quem é o cara. É aqui do condomínio?”

“Não.”

“De onde é?”

“Mora na Taquara.”

“O que foi que ele te fez?”

“Nada. Ele é um menino de sete anos. Você já matou um menino de sete anos?”

“Já mandei furar a bala as palmas das mãos de dois merdinhas que sumiram com uns papelotes, pra servir de exemplo, mas acho que eles tinham dez anos. Por que você quer matar um moleque de sete anos?”

“Para fazer a mãe dele sofrer. Ela me humilhou. Tirou o meu namorado, fez pouco de mim, dizia para todo mundo que eu era burra. Depois casou com ele. Ela é loura, tem olhos azuis e se acha o máximo.”

“Você quer se vingar porque ela tirou o seu namorado? Você ainda gosta desse puto, é isso?”

“Gosto só de você, Zinho, você é tudo para mim. Esse merda do Rodrigo não vale nada, só sinto desprezo por ele. Quero fazer a mulher sofrer porque ela me humilhou, me chamou de burra na frente dos outros.”

“Posso matar esse puto.”

“Ela nem gosta dele. Quero fazer essa mulher sofrer muito. Morte de filho deixa a mãe desesperada.”

“Está bem. Você sabe onde o menino mora?”

“Sei.”

“Vou mandar pegar o moleque e levar para a Cidade de Deus.”

“Mas não faz o garoto padecer muito.”

“Se essa puta souber que o filho morreu sofrendo é melhor, não é? Me dá o endereço. Amanhã mando fazer o serviço, a Taquara é perto da minha base.”

De manhã bem cedo Zinho saiu de carro e foi para a Cidade de Deus. Ficou fora dois dias. Quando voltou, levou Soraia para a cama e ela docilmente obedeceu a todas as suas ordens. Antes de ele dormir, ela perguntou, “você fez aquilo que eu pedi?”

“Faço o que prometo, amorzinho. Mandei meu pessoal pegar o menino quando ele ia para o colégio e levar para a Cidade de Deus. De madrugada quebraram os braços e as pernas do moleque, estrangularam, cortaram ele todo e depois jogaram na porta da casa da mãe. Esquece essa merda, não quero mais ouvir falar nesse assunto”, disse Zinho.

“Sim, eu já esqueci.”

Zinho virou as costas para Soraia e dormiu. Zinho tinha um sono pesado. Soraia ficou acordada ouvindo Zinho roncar. Depois

levantou-se e pegou um retrato de Rodrigo que mantinha escondido num lugar que Zinho nunca descobriria. Sempre que Soraia olhava o retrato do antigo namorado, durante aqueles anos todos, seus olhos se enchiam de lágrimas. Mas nesse dia as lágrimas foram mais abundantes.

“Amor da minha vida”, ela disse, apertando o retrato de Rodrigo de encontro ao seu coração sobressaltado.

FAMÍLIA

Ernestino e Dora se casaram dispostos a dar ao mundo muitos filhos. Planejavam ter três meninos e duas meninas, mas não se incomodariam se fossem quatro meninas e um menino, desde que o primeiro a nascer fosse do sexo masculino.

Dora morreu ao dar à luz uma menina, cujo nome veio a ser também Dora. Todos pensavam que Ernestino se casaria novamente, ele era um homem bonito, herdara do pai uma empresa e ampliara os negócios, um bom partido para qualquer mulher, mesmo tendo uma filha pequena para criar. Agindo como bons alcoviteiros, os casais amigos, convictos de que Ernestino devia se casar novamente, afinal a pequena Dora precisava de uma mãe e ele, cedo ou tarde, necessitaria do carinho de uma mulher, se revezavam apresentando ao viúvo jovens mulheres prendadas e virtuosas. Mas Ernestino não se interessava por nenhuma delas e o tempo foi passando até que os amigos, percebendo que Ernestino jamais se casaria novamente, desistiram de seus propósitos casamenteiros.

Quando Dora fez seis anos, Ernestino, assoberbado pelos seus negócios que não paravam de crescer, matriculou a menina num colégio interno de freiras. Dora se lembra do primeiro dia em que foi para o colégio. Eles subiram a serra de carro num dia de forte neblina, que escondia os morros e até mesmo as ruas em que trafegavam. O pai comprara vários sacos de bala para ela e Dora fizera a viagem se deliciando com as guloseimas. No carro o pai mostrara uma pequena mala, dizendo que ali estava o seu enxoval, as roupas que usaria no colégio. Ernestino, apesar de fazer a viagem mais calado do que o seu normal, parou duas vezes no acostamento da estrada para abraçar e beijar a filha. Tudo isso a deixara muito feliz.

Quando chegaram, depois de uma hora e meia de viagem, Dora já havia chupado todas as balas. O colégio era um edifício que lhe pareceu imenso, bonito e um pouco assustador. Foram recebidos por duas freiras, uma a madre superiora, velha e de aspecto majestoso, e outra, mais jovem, que seria a orientadora e mestra de classe de Dora. A freira mais jovem convidou Dora para ir até a janela ver as árvores e os jardins. Enquanto ela contemplava o arvoredo coberto de neblina, o pai e as freiras conversaram em voz baixa. Em seguida, o pai, depois de abraçá-la com tanta força que a deixou sem fôlego, disse que ia comprar mais balas, foi embora e não voltou. Era um domingo e Dora só o veria novamente no domingo seguinte.

Os primeiros dias foram terríveis. Dora se sentia abandonada e chorava sem parar. Ela dormia num grande salão com outras meninas da sua idade. Sua roupa íntima — calcinhas largas de

algodão, que com o tempo alargavam ainda mais, e camisolões de manga comprida fechados no pescoço (ela só usaria sutiã, também de algodão, anos depois) — era guardada numa mesinha alta de cabeceira, e os uniformes ficavam dependurados num cabide comprido numa das paredes. A freira orientadora reunia diariamente as meninas para uma preleção em que falava em Deus e na caridade. Ela tratava Dora com muito carinho, ainda mais porque a menina sofria de asma, agravada pelo clima úmido da cidade. Depois de algum tempo, Dora parou de chorar diariamente. Chorava apenas aos domingos, quando o pai ia vê-la.

Mas ela não demorou muito a gostar do colégio. Na hora de dormir, sob os cobertores de lã que a aqueciam, Dora criava uma vida só dela, feita de fantasias inocentes. Até mesmo o carrilhão da torre da igreja, que soava a cada quinze minutos, era ouvido com prazer. Às quinze para as seis da manhã, a freira que pernoitava com elas no dormitório caminhava entre as camas tocando uma sineta de mão e dizendo sursum corda e as meninas acordavam murmurando habemus ad dominum. Dora, que fora criada sem qualquer disciplina por um pai ausente e babás displicentes, apreciava os cerimoniais do colégio. Vestidas em seus uniformes de saia azul-marinho presa por tiras largas cruzadas no peito e nas costas, blusa azul-clara, sapatos pretos e meias brancas, as meninas, quando encontravam uma freira nos corredores, tinham que parar de pés juntos, unir as duas mãos e cumprimentar com a cabeça. Caso fosse a madre superiora ou a diretora do colégio deviam parar, se estivessem andando, ou levantar-se, se estivessem sentadas, e fazer uma reverência, que consistia em juntar os dois pés, encostar o calcanhar do pé direito

no pé esquerdo, girar a ponta do pé direito para o lado e, após colocar horizontalmente a palma da mão direita sobre a palma da mão esquerda, flexionar ligeiramente os joelhos. Dora sentia-se bem fazendo essa medida e ficava feliz quando, por qualquer motivo, encontrava uma dessas freiras graduadas. Os rituais do colégio — notadamente as orações em latim ou em francês e os cantos gregorianos acompanhados pelo órgão, dos quais todas as alunas participavam nas missas dos domingos — possuíam um esplendor que deixava Dora encantada e fascinada. Mas sempre que pensava no pai ela sentia muita saudade e ficava triste.

As alunas tomavam banho em boxes abertos, vestidas com uma camisola de algodão sem mangas e sem gola. Quando terminavam, uma freira colocava uma toalha aberta na frente do boxe para a aluna poder tirar a camisola e se enxugar sem que sua nudez fosse vista; depois a aluna punha um roupão e subia para o dormitório, se curvava ao lado da sua cama e vestia meio escondida o uniforme. Era um procedimento trabalhoso e desconfortável que Dora e muitas meninas realizavam, porém, com boa vontade. Uma vez por semana, no dormitório, toda menina sentava-se num banco à frente de uma freira, que lhe passava meticulosamente pela cabeça um pente-fino. Não havia piolhos naquele internato.

No colégio Dora conheceu Eunice, que se tornou a sua melhor amiga. E à medida que cresciam — as duas ficaram todo o primário e o ginásio no mesmo colégio interno — se tornaram mais íntimas. Sempre que possível ficavam de mãos dadas, cochichando e rindo. As freiras chamavam tal comportamento de bêtise e procuravam contê-las, mas sem recriminá-las por isso. Eunice era órfã, e quem a

visitava nos domingos era um guardião que a tratava com um carinho artificial. Eunice e o seu guardião se agrupavam com Dora e o pai nos domingos e também nos dias em que as alunas tinham permissão para sair do colégio, em companhia dos responsáveis, para passear em Petrópolis. Quando o curso ginásial terminou elas se abraçaram chorando e disseram que nunca deixariam de se amar.

Dora e Eunice cursaram o colegial em estabelecimentos de ensino diferentes. Vieram a se reencontrar na faculdade de direito, anos depois, e reataram com o mesmo vigor a amizade de antes. Abriram um escritório e advogavam juntas causas pertinentes ao direito da família. Dora às vezes ia dormir na casa de Eunice, ainda que Ernestino reclamasse carinhosamente do fato de a filha deixá-lo sozinho com a empregada. Ele sentia-se doente e planejava se afastar dos negócios. O seu sonho era ver a filha casar e lhe dar um neto homem, que com o tempo assumisse os negócios e continuasse a tradição da família.

Mas Dora, que se tornara uma mulher de grande beleza, recusava todos os seus pretendentes, que eram muitos. Saía com eles, ia jantar fora, ia ao cinema, mas, muito recatada, evitava qualquer intimidade com esses homens, nem mesmo permitia que a beijassem. Um dia o pai a chamou para ter com ela o que chamou de uma longa conversa. Ernestino disse à filha que estava indicando um dos seus antigos funcionários para assumir o comando dos negócios, pois estava se sentindo cada vez mais fraco e o seu médico, depois de um rigoroso exame, diagnosticara uma doença neurológica progressiva que dentro de alguns anos não sabia quantos, o levaria à morte. E ele não queria morrer sem ver a sua

filha casada e sem ter a suprema alegria de ter um neto. Ernestino disse isso com voz emocionada, segurando na mão da filha. Me promete, ele pediu, assim eu morrerei em paz. Dora prometeu, mas pediu algum tempo para realizar o desejo do pai.

Nesse dia Dora foi dormir com Eunice. A amiga mandara fazer calças largas de algodão iguais às que usavam no colégio de freiras e que não existiam para ser compradas nas lojas. Vestidas apenas com essas calças, que, apesar de toscas, ou talvez por isso, tornavam ainda mais atraentes os seus corpos delgados, as duas fizeram amor com um ardor muito intenso. Isso, sim, é bêtise, disse Eunice, e as duas riram muito. Depois, Dora contou a Eunice a conversa que tivera com o pai, acrescentando que ele estava cada vez mais obstinado em seu desejo de vê-la casada e ter um neto. As duas permaneceram o resto da noite tomando vinho branco e falando desse assunto, e da frustração de não poderem morar na mesma casa, acordar juntas, cozinhar, viajar, viver juntas o tempo todo das suas vidas, serem as duas uma família.

Ernestino agora precisava de uma cadeira de rodas para se locomover e um enfermeiro foi contratado para tomar conta dele. O médico disse que com cuidados adequados Ernestino podia viver alguns anos, mas que sua doença infelizmente não tinha cura, o que Dora poderia fazer era lhe propiciar a melhor qualidade de vida possível, num ambiente tranquilo de amor. O passatempo preferido de Ernestino, em casa ou quando ele saía com Dora em sua cadeira de rodas para passear na praça, era interrogar a filha sobre os seus pretendentes e escolher o nome que o neto teria. Dora participava dessas conversas tentando manter a mesma paciência dos seus

tempos de colégio interno, mas não conseguia deixar de se sentir exausta e infeliz, pois o pai sempre terminava a conversa dizendo que apenas esperava ela se casar e ter um filho para morrer em paz.

Após cada uma das suas cada vez mais raras noites de bêtise as duas amantes sempre voltavam a esse tema, como conseguir que Ernestino morresse em paz. E a maneira de resolver esse delicado e angustiante problema era sempre a mesma, uma solução final, por elas considerada um gesto de amor absoluto. A morte era sempre uma bênção para os doentes desenganados.

O enfermeiro precisava tirar umas férias e em vez de contratar outro Dora disse que ela mesma cuidaria do pai. Ernestino se emocionou com o desvelo da filha, que passava os dias e as noites ao seu lado. E também estava muito feliz, pois Dora prometera que assim que o pai melhorasse um pouco ela se casaria e teria um filho.

Transcorrido um mês, Ernestino morreu de uma súbita insuficiência respiratória. O médico confirmou que aquela era mesmo uma doença insidiosa de difícil prognóstico. No enterro Dora e Eunice choraram muito. O sofrimento de Dora foi tão grande que ela teve que ser internada num hospital para se recuperar.

Depois, Dora e Eunice foram morar juntas e adotaram um menino a quem deram o nome de Ernestino. O menino cresceu e as pessoas, os novos amigos que elas fizeram, diziam que ele era a cara da mãe.

O ANJO DA GUARDA

A casa tinha vários quartos. Perguntei em qual deles eu ia dormir. Ela me levou para um quarto que ficava perto do dela.

Sentei na cama, testei o colchão.

Não dá, é muito mole, vai acabar de vez com as minhas costas.

Testei os colchões de todos os quartos e acabei encontrando um duro.

Esse aqui está bom, você tem uma camisa que sirva em mim? Esqueci de trazer uma roupa para dormir.

A mulher voltou logo em seguida com uma camisa de malha branca.

Essa é a maior que eu tenho. Usei uma vez, tem importância?

Agradei e a mulher me deu boa noite. Vesti a camisa, senti o cheiro do tecido, uma mistura de pele limpa e perfume.

Procurei uma posição para dormir. As costas doíam. Eu tinha uma porção de ossos quebrados e mal-emendados espalhados pelo corpo.

A mulher bateu tão de leve na porta que quase não ouvi.

Sim?

Sou eu. Queria falar com você.

Um momento.

Vesti a calça e abri a porta.

Ela vestia um penhoar e uma mulher de penhoar sempre me lembra a minha mãe. Aliás a única coisa que lembro da minha mãe é o penhoar.

Você está muito longe, não me sinto protegida, não consigo dormir, você não pode ir para aquele quarto ao lado do meu? A gente leva o colchão duro dessa cama e troca pelo outro.

Levei o meu colchão duro para o quarto ao lado do dela.

Sentei na cama.

Acho que agora está bom. Dá para dormir, boa noite.

Boa noite.

Não aguentei dez minutos deitado. A dor na coluna aumentou. Saí da cama, sentei-me numa poltrona que havia no quarto.

Outra batida na porta.

O que é?

Ouvi um barulho no jardim, ela sussurrou através da porta, acho que tem alguém no jardim.

Vesti a calça. Abri a porta. Ela continuava de penhoar.

Isso deve ser impressão sua. Você anda muito nervosa. Em que lugar do jardim?

No bosque de magnólias. Lá não tem luz e tive a impressão de que vi uma luz apagar e acender.

Você tem uma lanterna?

Tenho.

A mulher me deu a lanterna.

Toma cuidado. Eu já lhe contei as coisas horríveis que têm acontecido comigo, não contei?

Você devia ir para o seu apartamento na cidade.

Lá é pior. Eu já lhe contei. Tive que desligar o telefone por causa dos trotes no meio da noite, me ameaçando. E tem gente me seguindo pelas ruas. Aqui pelo menos as janelas estão todas gradeadas e as portas são de ferro. Leva o revólver.

É melhor o revólver ficar com você. Fecha a porta. E não fica olhando lá pra fora pela janela.

Era um sítio grande. Um gramado com canteiros de flores rodeava a casa. No meio do gramado, uma piscina. Nos fundos, a casa do caseiro, a horta. O resto do sítio era cheio de bosques com árvores de grande porte, que tornavam a noite ainda mais escura. Havia bancos de pedra espalhados pelo meio das árvores. Sentei em um deles, no bosque de magnólias. Esperei, a lanterna acesa sobre o banco.

Sônia surgiu silenciosamente de dentro do escuro, sentou-se ao meu lado no banco de pedra.

Você deixou o seu revólver num lugar onde ela visse?

Deixei na mão dela. Estou seguindo o plano de vocês.

Ouve esse barulho, disse Sônia ligando um gravador que tirou da bolsa. Parecia um gemido de alguém morrendo. Não parece um fantasma?

A sorte de vocês é que aqui não tem cachorro.

Tinha. Nós envenenamos. O Jorge envenenou. Quando é que ela vai usar o revólver?

Ela está morrendo de medo, vamos esperar mais um pouco.
Quem é esse Jorge?

Se você não sabe eu não vou dizer.

Por que vocês querem que a mulher morra?

Isso não é da sua conta.

Vou voltar para a casa. Desliga esses gemidos. Por hoje chega.

Não se esqueça do nosso acordo, disse Sônia. Dentro de mais três dias isso tem que ser resolvido. Se ela continuar indecisa, você dá o tiro na cabeça dela.

Voltei para a casa. A mulher abriu a porta com o meu revólver na mão. Tremia, com os olhos esbugalhados.

Que barulho era aquele?

Nada.

Como nada? Eu ouvi. Você pensa que estou maluca?

Não.

Eu sei, eu sei que você pensa que estou maluca.

A mulher apontou o revólver para mim.

Diga a verdade. Você acha que eu sou maluca. Os caseiros achavam que eu era maluca e foram embora de noite, sem me dizer nada. Eu acabei de ouvir um gemido forte, o barulho de uma alma penada, como a minha, e você me diz que não era nada? E este revólver que não tem balas? É assim que você ia me defender? Com um revólver sem balas?

Como você sabe que não tem balas?

Dei seis tiros na minha cabeça e não aconteceu nada.

Esqueci de colocar as balas. Não sei como isso foi acontecer, sou muito cuidadoso.

Você tirou as balas porque pensou que eu era maluca e ia dar um tiro na cabeça.

Estou aqui para proteger você. Vai dormir. Amanhã de manhã a gente conversa.

Não fala assim comigo. Estou muito nervosa. Dorme no meu quarto comigo.

Está bem.

A mulher deitou-se sem tirar o penhoar, cobriu-se com um lençol. Sentei na poltrona do quarto. Todos os quartos tinham poltronas e banheiro privativo.

Da cama ela olhava para mim, suspirava como quem quer chorar.

Vem aqui, segurar na minha mão.

Segurei na mão dela.

Você tem a mão grande. Você era trabalhador braçal?

Não.

Você foi sempre acompanhante de pessoas doentes?

Quando era jovem passei uns dois anos empurrando a cadeira de rodas de um velho. Foi a melhor época da minha vida, eu gostava de ler, ele tinha milhares de livros e eu passava o dia lendo.

Nunca vi você lendo aqui.

Ainda não tive tempo e os seus livros não me atraem.

Sinto muito. E depois de trabalhar na casa cheia de livros que te atraíam?

Depois tomei conta de outro velho.

Ele era doente mental?

Não. Uma doença da velhice. (O sujeito se matou, com a minha ajuda, mas isso eu não diria a ela.)

Vê se consegue dormir um pouco.

Eu sou maluca?

Não. Está apenas muito nervosa.

A mulher dormiu. Larguei a mão dela. Fui para a poltrona e fiquei a noite inteira acordado, pensando, sentindo o cheiro da camisa dela no meu corpo e olhando para a mulher enquanto ela dormia. O homem primitivo devorava como uma hiena os restos dos cadáveres dos bichos que encontrava e que haviam sido caçados por outros animais. Só se tornou um caçador depois que astutamente inventou suas armas perfurantes. Coloquei as balas no tambor do revólver.

A mulher na cama parecia um cachorro morto em quem era fácil dar pontapés. Não faço perguntas quando me pedem um serviço. Mas neste caso gostaria de saber quem queria que ela desse um tiro na cabeça. Um marido escroto aterrorizando a mulher histérica para fazer ela se matar e o puto ficar com a grana? Já passei por uma situação mais ou menos assim numa semana de carnaval.

O dia raiou, os passarinhos começaram a piar e a mulher acordou. Ela sorriu para mim.

Hoje estou me sentindo melhor. Acho que esse pesadelo vai acabar. Vou trabalhar no jardim, você fica perto de mim?

Saí do quarto dela. No meu banheiro, lavei o rosto e escovei os dentes. Fui para o jardim.

A mulher tinha um chapéu na cabeça para protegê-la do sol. Pediu para eu acompanhá-la até um quarto de ferramentas que

ficava ao lado da garagem. Havia picaretas, pás, um cortador elétrico de grama, uma bomba com implementos para limpar a piscina. Pegou uma tesoura dessas que se usam nos jardins.

Meu jardim é bonito, não é? Eu mesma plantei essas flores, não são bonitas?

Não dou muita importância a flores, mas ouvi com paciência ela dizer os nomes das que cresciam nos canteiros.

Preciso dar um telefonema.

O telefone está desligado.

Vou lá no centro da vila.

Por favor, não me deixe sozinha.

Então você vem comigo. Depois você trabalha no jardim.

Pegamos o carro dela.

Você gosta de música?

Se você quiser ouvir eu não me incomodo.

Ela colocou um concerto de violino no aparelho do carro.

Não dá uma sensação de paz?

Música de violino me deixa inquieto, mas aguentei sem dizer nada. Chegamos na pracinha da vila. Parei na porta do mercadinho, cheio de sacos de comida de gato e de cachorro.

Ela saltou do carro comigo. Vou fazer compras, cansei de comer congelados.

O homem do mercadinho cumprimentou-a amigavelmente, a mulher tinha aquele sítio havia muitos anos. O homem perguntou se eu era o novo caseiro e a mulher respondeu que eu era um amigo.

Próximo havia uma padaria. Liguei de lá para a Sônia.

Vou fazer o serviço. Mas quero antes ter uma conversa com você e o Jorge. Quero receber o que falta. Hoje à noite, naquele lugar onde nos encontramos ontem.

O Jorge não vai.

O problema é dele. Se ele não vier conversar comigo, nada feito. Nove horas.

Desliguei o telefone. Voltei ao mercadinho. Peguei a saca cheia de compras e fomos para o carro.

A mulher trabalhou no jardim, depois fez comida para nós. Mas apenas sentou comigo na mesa, não comeu nada. Logo voltou a trabalhar no jardim, enquanto ouvia música, eu o tempo inteiro ao lado dela, sofrendo com aquela música, desejando que aquilo tudo acabasse de uma vez.

Quinze minutos antes das nove eu disse para a mulher que ia dar uma olhada no terreno do sítio, que talvez demorasse um pouco.

Não me deixa sozinha.

Peguei a lanterna.

Não vou me afastar muito, não se preocupe. Tranca tudo e só abre a porta para mim. E não fica na janela.

Por favor...

Não se preocupe.

Saí, levando o revólver. No quarto de ferramentas peguei duas pás e uma picareta e fui para o bosque de magnólias. Sentei no banco de pedra, a lanterna acesa. Coloquei as pás e a picareta ao lado do banco.

Sônia e Jorge demoraram a aparecer. O homem usava um chapéu que cobria metade do rosto dele.

Apaga essa lanterna. O que você queria comigo?

Eu o reconheci logo. Se você quer ficar vivo neste mundo de merda não pode esquecer nem a cara nem a voz de ninguém. Era o filho do velho Baglioni que eu ajudara a ir para o outro mundo. Fingi que não o reconheceria.

Uma pergunta, apenas. A mulher é sua esposa?

Essa velha? Ela é minha sócia, pirou e está fodendo os negócios. O que você queria comigo?

Receber o que falta.

Antes de você fazer o serviço? Impossível. Trato é trato.

Vou matar a mulher hoje e dar o fora. Como vou receber o que falta?

Você sabe onde achar a Sônia. Ela te paga depois.

Acendi a lanterna. Mostrei as pás e a picareta.

Quero que vocês me ajudem a abrir uma cova. Se eu for fazer isso sozinho vai levar um tempo enorme. O corpo tem que sumir. Fiz compras com ela no mercadinho da vila e viram a minha cara.

Só faltava essa, disse Jorge.

Sem cova não tem cadáver.

Está bem, está bem, disse Jorge pegando uma das pás. Eu peguei a outra e a picareta.

Aqui não. Temos que sair do sítio, vamos para a floresta.

Não posso andar muito, estou de sapatos altos, disse Sônia.

O problema é seu.

Andamos pela floresta, Sônia reclamando que os seus sapatos estavam se estragando.

Aqui está bom, eu disse.

Sônia se recusou a cavar. Eu e Jorge trabalhamos em silêncio, como os coveiros fazem. Não é fácil abrir uma cova grande, ainda mais num solo duro como aquele. Empapamos de suor as nossas camisas. Jorge suava mais do que eu, mas não tirou o chapéu que escondia o seu rosto.

Jorge largou a pá. Chega, já é suficiente, ele disse.

Continuei com a picareta na mão.

Ainda falta uma coisa, eu disse.

Golpeei com força a cabeça de Jorge, usando a ponta da picareta. Ele caiu. Sônia começou a correr, mas deu apenas alguns passos e um grito de medo, não foi bem um grito, foi uma espécie de uivo.

Verifiquei se estavam mesmo mortos, não queria enterrá-los vivos. Trabalhei aprofundando a escavação mais um pouco. Joguei os dois dentro do buraco e cobri com terra. Soquei a terra com a pá e cobri a cova com pedras e galhos de árvore. Naquela floresta só havia passarinhos, sapos, cobras, insetos e outros bichos inocentes. Não iam abrir aquela cova, mas eu não queria correr riscos.

Lavei as pás e a picareta no tanque e levei de volta para o quarto de ferramentas. Bati na porta de ferro da casa.

Sou eu, pode abrir a porta.

A mulher abriu a porta, assustada como sempre. Você viu alguma coisa?

Não. Nem ouvi nenhum som estranho. Você ouviu?

Não, ela respondeu. Quer tomar um chá? Vou fazer um chá para a gente.

Fiquei no sítio mais uma semana com a mulher, apesar da música. Não há nada mais irritante do que essa música de violino. Todo dia eu ia ver a cova onde aqueles dois estavam apodrecendo para ver se havia algum cheiro ruim no ar. Nada. No mercadinho da vila indicaram um casal de velhos que foram contratados como caseiros pela mulher. O velho era um homem rijo que trabalhava o dia inteiro no jardim, ele e a minha mãe. Estou brincando, mas gostaria que ela fosse minha mãe. Eu gostava dela. Se tivesse uma mãe assim eu seria um homem diferente, meu destino ia ser outro e eu tomaria conta dela, ia ter alguém para amar.

Ela estava no jardim com o caseiro, mexendo na terra. Tenho que ir embora, eu disse.

Não sei como pagar o que você fez por mim. Fiquei boa. Não tenho mais medo.

Boa você não está. Mas ninguém mais vai ligar para você no meio da noite, nem ninguém mais vai te seguir pelas ruas apavorando você.

Como posso te pagar? Você deve precisar de dinheiro.

Já recebi o meu pagamento. Mas você pode me levar de carro até a estação de ônibus na cidade.

A mulher me levou de carro até a estação.

Quando você precisar de alguma coisa, me procura. Me dá o seu telefone, ela disse.

Não tenho telefone.

A Sônia deve saber como encontrar você se eu precisar, não? Ela foi muito boa indicando você para meu anjo da guarda.

Não respondi. A mulher esperou comigo o ônibus chegar, nós dois dentro do carro ouvindo a música que ela gostava e o violino não me pareceu tão irritante.

Peguei o ônibus. Ela me acenou enquanto o ônibus se afastava.

VIAGEM DE NÚPCIAS

1. As famílias de Maurício e Adriana eram amigas, moravam em casas próximas, nos Jardins, e eram também vizinhas nas fazendas que possuíam no interior do estado. Maurício, vinte e cinco anos, filho único, formado em economia, trabalhava na corretora de valores do pai. Adriana, também filha única, estudante de filosofia, vinte anos, era admirada não só por sua grande beleza mas sobretudo pelas virtudes morais e intelectuais que possuía. Os dois moravam na casa dos pais. Adriana era virgem — a virgindade estava na moda —, porém Maurício tinha uma vida sexual agitada, para um corretor da Bolsa, e era proprietário de um apartamento na cidade, onde realizava seus encontros galantes. Os dois desde pequenos costumavam passar as férias anuais em suas fazendas, quando andavam a cavalo, nadavam no rio ou nas piscinas, plantavam árvores, divertiam-se com jogos de salão e assistiam a vídeos, sempre juntos. Quando cresceram, faziam excursões pelo Brasil. Para desgosto das duas famílias, que gostariam que os dois

jovens se casassem, Adriana estava apaixonada por Maurício, mas ele a amava candidamente, como se ela fosse sua irmã.

2. Um dia, não se sabe bem o que causou essa reviravolta, os dois informaram que estavam noivos e iam se casar dentro de seis meses. Era fácil entender a motivação da apaixonada Adriana; quanto a Maurício, aquela inesperada decisão talvez resultasse do fato de ele acreditar no que lhe diziam, que cedo ou tarde um homem tem que se casar, e de ter certeza de que jamais iria encontrar outra mulher tão decente e digna como Adriana para ser sua esposa. Afinal ele sabia, por experiência própria, como as mulheres eram depravadas e cínicas. As duas tradicionais famílias ficaram muito felizes com a notícia do noivado, havia sempre o receio de que um dia Maurício e Adriana viessem a se interessar por outras pessoas que não fossem do mesmo mundo social e cultural, quem sabe um astuto caçador de dotes ou uma dessas rastaqueras deslumbradas que frequentavam as colunas sociais.

Nos meses que antecederam o casamento o apartamento de Maurício na cidade funcionou quase todas as noites. As mulheres provinham de várias fontes, algumas ele já conhecia, outras não; algumas tinham uma profissão, outras eram estudantes, outras não faziam coisa alguma, o certo é que nada lhe pediam, dinheiro nem brindes, e se Maurício às vezes dava carros ou joias caras a algumas delas, isso era feito por iniciativa dele. Não obstante sua vida agitada, Maurício comparecia diariamente à corretora, chegava cedo e, apesar das fundas olheiras e do bocejar contínuo, trabalhava sem

esmorecer e era dos últimos a sair. A corretora jamais ganhara tanto dinheiro.

Os noivos se encontravam nas noites de sábado, iam a um cinema ou a um teatro, ou a uma ou outra festa na casa de amigos comuns. Adriana, que se habituara a deitar e acordar cedo devido ao horário matutino das aulas na faculdade, pedia para ficar pouco tempo nas festas e Maurício aquiescia, não só porque fazia todas as vontades dela como também porque aquilo lhe dava, algumas vezes, oportunidade para marcar um encontro com uma das suas conhecidas no apartamento da cidade.

3. O casamento, numa sexta-feira, foi uma das maiores festas já realizadas na cidade. Compareceram as figuras mais importantes do mundo da política, dos negócios, das artes, até o presidente da República apareceu na festa. Como Maurício estivesse, na ocasião, conduzindo pessoalmente negócios complexos e demorados que envolviam também o banco do pai de Adriana, transações financeiras que renderiam um lucro considerável, a viagem de núpcias a Paris foi adiada por três meses com o beneplácito de todos. Assim, depois da cerimônia e da festa em vez de uma viagem de trinta dias a Paris e adjacências, o casal embarcou num jatinho do pai de Adriana e foi passar o fim de semana no Rio de Janeiro.

Chegaram ao Copacabana Palace pouco depois de meia-noite e ocuparam o amplo apartamento nupcial do hotel. Maurício pediu uma garrafa de champanhe e ficou sentado na sala, completamente vestido, enquanto Adriana se retirava para um dos quartos para vestir uma camisola. Ele tirou o casaco, pois suava apesar do ar-

condicionado estar ligado, e tomou uma taça de champanhe. Adriana voltou pouco depois, vestida com a camisola que escolhera ajudada pela mãe. Maurício nem notou a camisola. Deu um beijo em Adriana e disse “fica aqui, minha querida, que eu vou tirar esta roupa, estou sentindo um calor enorme, afinal isto é o Rio de Janeiro, um verão que não tem fim”. No quarto tirou a roupa lentamente e pensou em Ludmila, uma das parceiras preferidas das suas noites lúbricas no apartamento da cidade. Voltou para a sala com um robe sobre o corpo nu, pegou a garrafa e, abraçando carinhosamente Adriana pela cintura, levou-a para o quarto. “Deita, meu bem”, ele disse. “Apaga a luz”, pediu Adriana timidamente. Maurício apagou a luz. “Tira a roupa, meu amor, enquanto vou apanhar os copos na sala.” Ele pegou os copos, deixou a luz da sala acesa e voltou. Ela estava deitada imóvel na cama e a luz indireta que vinha da sala revelava a delicada nuança alabastrina do corpo de Adriana, o tufo alto de pelos louros no delta das pernas. Maurício contemplava pela primeira vez a nudez completa da mulher amada. Sentiu uma onda de carinho e desviou os olhos. Tirou o robe, sentou-se na cama, apanhou a garrafa na mesinha de cabeceira e encheu duas taças. “Não quero beber”, Adriana disse, com um fio de voz. Maurício esvaziou em longos sorvos as duas taças e deitou-se de barriga para baixo ao lado de Adriana, beijou os bicos enrijecidos do peito dela, depois os lábios e o pescoço. Adriana deu um suspiro de langor e medo. Maurício também suspirou, porque o seu pênis permanecia flácido. Afiagou os seios de Adriana, desceu a mão e acariciou as suas pernas que se entreabriram um pouco, tocou os lábios absconsos que se ofereciam úmidos a ele. Novamente pensou

ansioso em Ludmila e então o seu pênis afinal endureceu e ele deitou-se apressado sobre Adriana, separando abruptamente as suas pernas, temendo que a ereção cessasse. O hímen teria que ser rompido e ele não tinha ideia da resistência que encontraria, pois jamais havia deflorado uma mulher. Adriana disse que ele a estava machucando, pediu que parasse, mas Maurício sabia que se não prosseguisse sem trégua seu pênis perderia o enrijecimento, não endureceria mais naquela noite. E assim investiu com rapidez e brutalidade, sem se importar com os gritos de dor de Adriana, até sentir que alguma membrana se romperia e um calor úmido envolvera o seu pênis. Ele atacou ainda mais durante algum tempo para se certificar de que seu dever fora cumprido, sentindo o corpo suado, o suor pingando da testa sobre o rosto de Adriana. “Eu machuquei você, meu amor?”, perguntou finalmente. Adriana, percebendo o tom angustiado da voz dele, respondeu, “não, meu bem”. Maurício saiu de cima dela e viu o lençol manchado. Não suava mais. Vestiu o robe e encheu outra taça de champanhe, que bebeu de um gole. Adriana saiu da cama e cobriu o corpo com a camisola.

“Vou trocar esse lençol, deve ter roupa de cama limpa em algum lugar”, ela disse.

“A arrumadeira faz isso amanhã. Vamos dormir no outro quarto”, ele disse.

Mas Adriana encontrou lençóis num armário e refez a cama, dobrando cuidadosamente o lençol manchado, de maneira que o sangue não fosse visto. Depois foram dormir no outro quarto.

Maurício disse que seria melhor para ela que não fizessem mais nada naquela noite.

Nem fizeram mais nada no dia seguinte. Almoçaram, passearam um pouco na praia e à noite pegaram o jatinho e voltaram para São Paulo.

4. Os negócios que envolviam a corretora e o banco foram realizados com pleno êxito. Maurício, que comandara as transações, foi festejado e premiado com uma alta comissão. Agora o casal podia viajar. Maurício disse a Adriana que não queria mais ir para Paris, nem Londres, nem Nova York, nem qualquer outra cidade. Adriana concordou. Na faculdade de filosofia ouvira de um professor que “as cidades do mundo são concêntricas, isomórficas, sincrônicas, só uma existe e você está sempre na mesma”; não tinha sentido sair de São Paulo e ir para outra cidade grande, na verdade deviam buscar em sua viagem de núpcias um contato maior com a natureza. Consultaram inúmeros folhetos fornecidos por uma agência de viagens, estudaram as opções. Do Brasil já conheciam a Amazônia, o Pantanal, as vilas barrocas de Minas, as praias do Nordeste e do Norte, os pagos do Sul. A ideia do rafting no rio Colorado foi de Adriana, e surgiu depois que Maurício propôs fazerem uma viagem de jangada no Ceará.

“Se você quer andar de jangada, por que não pelas corredeiras do rio Colorado?” Ela leu um dos folhetos, traduzindo do inglês. “O selvagem, remoto e poderoso rio Colorado atravessa o dramático e fascinante red rock country do Canyonlands National Park... Paredões de rocha de arenito vermelho de trezentos metros de

altura ladeiam as margens do rio... Nas cem milhas de descida do rio você atravessa corredeiras famosas como a Satan's Gut... Quer que eu leia mais?"

Maurício respondeu que sim e Adriana prosseguiu na leitura dos folhetos. As descidas do rio podiam ser realizadas em balsas feitas de material inflamável super-resistente e os excursionistas teriam a assistência de um guia, que também cozinhava, e de um boatman, que conduziria a balsa por entre emocionantes rapids. Não havia problema para quem não soubesse nadar, todos tinham de usar um colete salva-vidas aprovado pela Coast Guard, o perigo maior era pegarem uma sunburn, pois o sol era muito forte. A temperatura ambiente era agradável, os bugs não eram muitos, raramente chovia, eles viajariam sete horas em média por dia na balsa, em períodos continuados de no máximo quatro horas, entremeados por hiking, fotografias, pesca e comilanças. Don't come to us if you want to lose weight, we don't allow it. Serviam vegetais e frutas frescas, e os pratos principais iam de Cornish game hen a Oriental stirfry.

"O que é stirfry?", perguntou Maurício.

"É a tradução americana do prato chinês conhecido como chop suey, você fry, frita, tiras de vegetais, de carne et cetera numa chapa com pouco óleo e stir, mexe, os ingredientes constantemente, até o ponto desejado."

"E como é que a gente...?"

"A gente o quê?"

"Não é nada."

"Você quer perguntar onde são feitas as necessidades fisiológicas, não é isso?", disse Adriana, que conhecia Maurício havia

tempo bastante para conhecer seus tabus.

“Isso mesmo.”

“Está aqui no folheto. Toda balsa tem um toailete especial, que é diariamente esvaziado num depósito antisséptico e depois levado para a sede da empresa de turismo. É proibido urinar ou fazer qualquer coisa no terreno, o solo e cada pedaço de pedra são preservados e protegidos por lei. Mas eu não me preocuparia com isso, a companhia deve ter previsto uma maneira confortável, higiênica e recatada de resolver o problema”, disse Adriana.

5. Embarcaram num avião que fazia o trajeto S.Paulo-Nova York, primeira classe, comeram uma ótima refeição acompanhada de vinhos franceses, viram um filme, tomaram um comprimido e dormiram até a hora do café da manhã. Em Nova York pegaram um avião da Alpine Airline para Salt Lake City, um avião pintado com muitas cores, que não inspirava muita confiança. Durante a viagem serviram iogurte, pão e manteiga numa bandeja de isopor. A bebida era paga à atendente de bordo, que punha o dinheiro num saco usado de plástico. Um casal de negros que emitia altas gargalhadas chamou a atenção de Adriana; ela também notou uma mulher de cabelos oxigenados que lambia o iogurte que sujara sua unha pintada de preto, uma unha tão longa que chegava a encurvar e parecia a garra de uma preguiça. Para Maurício a mulher se assemelhava a uma bruxa de desenho animado. Em Salt Lake City Maurício e Adriana embarcaram no fim da tarde para Moab num avião teco-teco de oito lugares da Red Tail Aviation no qual viajavam apenas eles e um homem que escrevia num notebook.

6. O aeroporto de Moab consistia numa pista de pouso e decolagem e uma pequena casa pré-fabricada, de madeira, que estava fechada. Ao lado da casa havia dois trailers. Não havia nenhuma pessoa da empresa de viagem esperando por eles. Na verdade, além do piloto do teco-teco e do homem do notebook não se via mais ninguém na casa, nos trailers ou mesmo na imensa planície vazia que os cercava.

O piloto do teco-teco abriu a casinhola para telefonar. Adriana e Maurício entraram com ele na casinhola. O piloto deu um telefonema curto dizendo para alguém que havia chegado ao aeroporto, que ia dormir, e desligou.

“Onde a gente arranja um táxi para Moab?”

O piloto disse que não havia táxi, que a cidade ficava a quinze minutos de carro, que ele ia ficar ali mesmo, ia dormir num dos trailers e que não tinha a menor ideia de como Adriana e Maurício poderiam ir para a cidade.

Eles saíram da casa, o piloto a fechou e foi para o trailer. Restaram Adriana e Maurício, e o homem do notebook, que sentado no chão, alheio, tranquilo, escrevia no seu computador. Só parou de escrever para dizer-lhes que estava escrevendo um livro de viagens às canyon lands, e que ali a viagem deles tomaria rumos diferentes. Esperaram que surgisse alguém da companhia de turismo. Um carro surgiu na estrada, vindo na direção deles. Era um furgão aberto, de carga, do qual um homem saltou, depois tirou uma chave do bolso, abriu a casinhola e entrou. Quando saiu, Maurício perguntou se ele ia para Moab e o homem disse que sim e que daria uma carona para

eles. Maurício e Adriana se aboletaram no compartimento de carga, o homem do notebook sentou-se à frente com o motorista. Rateando, o furgão partiu para Moab. Durante a viagem o motorista disse, através da portinhola da cabina, que tinha um helicóptero e que fazia excursões sobre os cânions. “De onde vocês são?”, ele perguntou. “De São Paulo, no Brasil”, disse Maurício. “Never heard”, o motorista disse. O nome dele era Lloyd e ele exibia a tatuagem de uma águia no braço. “É uma bald eagle americana”, sussurrou Adriana no ouvido de Maurício. Não se via uma única árvore às margens da estrada, tornada ainda mais vermelha pelo pôr do sol.

7. Em Moab havia apenas uma rua. Eles pararam na porta do Landmark Motel. No Landmark, quando Adriana e Maurício se identificaram, o recepcionista lhes entregou dois sacos grandes de borracha cinzenta para colocarem as roupas da viagem e duas caixas de ferro pintadas de azul que se fechavam hermeticamente graças a dois ferrolhos de pressão, a que o recepcionista chamou ammo can, para guardar máquinas fotográficas, vidros, papéis e outros implementos frágeis que pudessem ser afetados pela água. “As ammunition can são latas de munição usadas pelo Exército, só que estas são verdes”, explicou o recepcionista. Por sugestão dele, compraram presilhas de óculos e sapatos de borracha. Um ônibus da empresa de turismo viria pegá-los no dia seguinte de manhã bem cedo.

Os dois estavam com muita fome mas não havia comida no motel. Foram para o quarto e tomaram banho de chuveiro, um

depois do outro. Eles nunca entravam no banheiro juntos e em seu apartamento novo de São Paulo cada um tinha banheiro próprio.

“Como você está se sentindo?”

“Bem”, respondeu Adriana.

“Tira essa toalha”, ele disse.

“Então fecha as cortinas.”

Maurício fechou as cortinas. O quarto ficou em penumbra. Adriana deitou-se na cama ainda enrolada na toalha. Maurício deitou-se nu ao lado dela. Beijou e acariciou o corpo de Adriana. Nervoso, sentiu o suor umedecer-lhe o corpo. Como é que ele não conseguia se excitar com Adriana, uma pessoa que adorava e que possuía um corpo e um rosto mais bonitos do que os de qualquer outra mulher que conhecesse? Assim que conseguiu uma ereção, pulou sobre Adriana e, ansioso, introduziu apressadamente o pênis na vagina dela. Não demorou para que Adriana tivesse um orgasmo suave, o que a fazia suspirar delicadamente e relaxar os músculos do corpo. Depois, Adriana dormiu. Maurício, porém, com a mente perturbada, não conseguiu dormir. Ele podia contar nos dedos as vezes em que conseguira fazer amor com Adriana.

8. Pela manhã um ônibus da companhia de turismo veio para levá-los ao rio. Adriana e Maurício haviam vestido bermudas e calçado os tênis novos. As malas deles, com a maior parte das suas roupas, seriam levadas para a sede da empresa de turismo, onde ficariam guardadas. Colocaram as roupas que usariam na descida do rio dentro dos sacos de borracha que haviam recebido. Nas caixas,

puseram as máquinas fotográficas, protetores de sol e vidros de vitaminas e de cosméticos.

A balsa encostada na beira do Colorado era feita de três grossos tubos de borracha inflados, unidos por cordas, forrados de plástico rígido, com a parte da frente elevada. Na popa havia um motor. Uma jangada moderna. A guia era uma mulher loura, queimada de sol, chamada de Suzete. George, o boatman, era um homem mal-encarado, musculoso e rude que nunca tirava da cabeça um ball cap desbotado pelo sol. Ninguém o chamava George, só de Boatman. Havia quatro outras pessoas ao lado da balsa: dois holandeses, Marika e Joost, um casal louro e corado, e dois franceses, Patrick, um homem de meia-idade, e Jean, um adolescente. Esses seriam os companheiros de aventura de Adriana e Maurício. A guia lhes deu os coletes salva-vidas, vermelhos com presilhas negras, que eles vestiram. As caixas de metal foram colocadas lado a lado com as outras, na parte posterior da balsa, onde estava estocado o material necessário para a excursão. Os viajantes se espalharam como podiam pela balsa. A posição mais confortável era com as pernas abertas sobre um dos grossos tubos, as mãos segurando cordas fixadas nos tubos.

O início da viagem foi por águas plácidas. Suzete mostrava as altas rochas vermelhas e pedia a atenção deles para detalhes a que denominava Fremont indian rock art, acrescentando que aquelas esculturas tinham mais de oitocentos anos. Disse que a comunhão com a natureza devia fazê-los mais felizes, mas que, como dissera Mildred Barbel, happiness is a conscious choice, not an automatic response.

“Quem é Mildred Barbel?”, perguntou Maurício.

“Never heard”, respondeu Adriana, e os dois riram como no tempo em que eram apenas amigos.

9. Depois de duas horas sem atravessar nenhuma corredeira, a balsa atracou na margem do rio e todos saltaram. Suzete explicou que os viajantes podiam escolher entre pescar ou passear. Pediu que ninguém urinasse no terreno, estavam num parque nacional que devia ser preservado, dentro da água podia, ou então no dispositivo sanitário que Boatman estava instalando naquele momento no meio do mato, num local distante, isolado da vista de todos. Para ir ao vaso sanitário a pessoa teria que passar por um ponto onde havia um rolo grosso de papel higiênico numa caixa com o pé comprido espetado no solo. Caminharam todos até o local onde estava a caixa com o rolo de papel, que ali fora colocada por Boatman.

“Quando alguém for usar o dispositivo, deve apanhar o rolo. E depois colocá-lo no mesmo lugar. Assim, a ausência ou presença do rolo orientará os usuários.”

Em seguida foram todos ver a instalação sanitária, uma espécie de vaso ou reservatório retangular, com uma tampa para o usuário sentar. O fundo do reservatório estava coberto com um líquido antisséptico azul-claro. Diariamente Boatman removeria o conteúdo do reservatório para um tanque na balsa, de onde o transportariam na volta para outro tanque antisséptico na sede da empresa em Moab. O rio não deve ser poluído com os detritos dos viajantes.

“Não vou conseguir usar aquilo”, disse Maurício.

“Nem eu”, respondeu Adriana.

10. Foram fazer o hiking, o passeio pela montanha. A guia disse que eles não poderiam tomar banho no rio, pois aquele trecho estava infestado de giárdias, um protozoário, acrescentou, que causava fortes diarreias. Maurício e Adriana se separaram e, em locais diferentes, longe de olhares indiscretos, urinaram no rio. Para Adriana foi uma operação difícil. A fim de urinar em posição ereta ela tinha que tirar as calças compridas, os sapatos e entrar no rio, um processo demorado que podia expô-la a olhares indiscretos. Assim ela tirou os sapatos, arregaçou as calças, entrou no rio e baixou as calças. A água estava gelada e ela curvou-se apoiando as duas mãos nos joelhos, preocupando-se em não molhar outra parte do corpo além das suas canelas. Afinal conseguiu urinar.

Adriana voltou a se encontrar com Maurício mas nada comentou sobre as suas peripécias no rio. Ela sabia que ele detestava ouvir e jamais mencionava assuntos ligados a eliminações de resíduos orgânicos.

11. No jantar comeram enchiladas, sanduíches, suco de laranja, coca-cola e blueberries. As comidas haviam sido colocadas num tabuleiro fácil de armar, à margem do rio. Patrick abriu sua caixa azul, de onde retirou uma garrafa de vinho, um copo e um pacote de torradas, e ficou comentando e bebendo em silêncio, distante dos outros. Ele costumava ficar escrevendo num caderno que guardava na caixa azul e nunca conversava com ninguém, nem mesmo com Jean. Joost julgava que os dois eram amantes, mas Marika acreditava que o adolescente era filho de Patrick, um mistério que

nunca foi esclarecido. Jean confidenciara aos outros que Patrick era poeta e não sabia uma palavra de inglês, a língua falada na balsa. Os holandeses eram alegres e comilões e gostavam de cantar.

Depois do jantar, todos, com exceção de Patrick, lavaram os seus pratos de plástico duro com esponjas e sabão fornecidos por Suzete. Foram então distribuídas as barracas verdes de tecido impermeável, nas quais cabiam duas pessoas. Eram muito fáceis de armar, e quando instaladas pareciam um gigantesco sapo sentado. Adriana foi passear com Marika e Joost. Maurício não foi, disse que queria ficar ali mesmo, sentado, olhando as montanhas. As pedras de arenito vermelho adquiriram uma cor fulgurante e a noite caiu. Adriana voltou com os holandeses e entrou na barraca. O grupo se reuniu em volta das lanternas acesas conversando. Suzete tinha muitas histórias para contar, os holandeses também, Jean disse por que adorava a América. Patrick ficou escrevendo à luz de uma das lanternas. Boatman andou solitário pela margem do rio. Maurício sentou-se ao lado da sua barraca contemplando o céu. Ele nunca vira tantas estrelas cadentes em sua vida.

Adriana levantou a cobertura da barraca e enfiou o rosto para fora.

“Você não vai entrar? Amanhã vai ser um dia extenuante. Vamos enfrentar as corredeiras.”

“Daqui a pouco eu vou”, respondeu Maurício.

Mas ele ainda ficou um longo tempo olhando o céu. Só queria entrar quando Adriana já estivesse dormindo. O grupo que conversava se dissolveu e todos foram dormir.

Maurício entrou cuidadosamente na barraca, certo de que Adriana já dormia.

“Por que você demorou tanto?” A voz de Adriana fez o corpo de Maurício tremer de susto.

“Você devia estar dormindo.”

“Estava esperando por você.”

Ele se deitou ao lado dela inteiramente vestido, a barraca era pequena e os dois corpos se tocaram. Adriana aproximou o rosto do dele e o beijou timidamente na boca. Maurício ficou imóvel, um peso no coração.

“Você não vai tirar essa roupa?”

“Estou com frio.”

Adriana enfiou a mão por dentro da camisa de Maurício e acariciou o peito dele.

“Estou muito cansado”, ele disse.

“Posso dormir abraçada a você?”

“Pode.”

Adriana, deitada de lado, pousou o braço sobre o peito de Maurício e colocou uma das pernas sobre as pernas dele. Maurício, deitado de costas, não se mexeu. Adriana adormeceu; sua respiração era suave, quase inaudível. Maurício demorou muito a dormir.

12. De manhã, depois de acordados por Suzete, os excursionistas desarmaram as barracas e guardaram as coisas nos sacos. Boatman acondicionou tudo na parte traseira do barco. Depois reuniu todos em volta da balsa.

“Hoje”, disse Suzete, “vocês vão enfrentar as primeiras corredeiras. O instinto de preservação faz com que os rafters novinhos como vocês se assustem ao ver as águas revoltas das corredeiras. É preciso que o rafter se sinta seguro com ele próprio e com os que o assistem. Boatman foi lá para cima, está lendo o rio do alto, observando as águas. É necessário ler as águas antes de entrar nas rapids, saber o que vem depois das curvas, traduzir todos os indícios, a velocidade das águas, a névoa, os sons, tudo tem um significado. Boatman tem um aspecto assustador, eu sei, ele foi um fora da lei, foi um drogado, chegou ao fundo do poço, mas a natureza selvagem o salvou e redimiu. É o melhor em todo o Colorado.”

Boatman apareceu caminhando pela margem do rio, observando as águas, às vezes curvando a cabeça para o lado como se ouvisse alguma coisa que o rio lhe sussurrava.

13. A balsa partiu e logo deslizava cada vez mais velozmente pela correnteza de águas encrespadas. Os passageiros, protegidos pelos seus coletes, agarravam-se fortemente aos pontos de apoio espalhados pela balsa. “Look the mist!”, gritou Boatman. A névoa significava que havia uma grande queda adiante. Agora navegavam sobre as rapids, a jangada parecia realmente um gigantesco boto enfiando e tirando a cabeça das águas em mergulhos cada vez mais profundos. Então desceram pela grande queda, sentindo um frio no estômago. Os holandeses davam gritos eufóricos, a emoção estampava-se no rosto dos passageiros, até mesmo Patrick mostrava alguma perturbação. (Marika disse, depois, que Patrick teria

exclamado “merde!” e “sacrebleu!”, a primeira vez que se ouvia o som da sua voz.) Maurício, todavia, imerso em profundos pensamentos, manteve-se taciturno e triste. Afinal atravessaram aquele trecho de corredeiras e atingiram uma parte relativamente calma do rio. Todos pareciam vitoriosos de uma árdua batalha, até mesmo o poeta francês, que, ao tomar o seu vinho, levantou o copo saudando o rio e a montanha rochosa vermelha.

Naquela noite os sofrimentos de Maurício foram ainda maiores. Adriana chamou-o para dormir, mas ele, entregue à sua amargura, juntou-se ao grupo que conversava em volta das lanternas acesas, sem todavia participar da euforia de todos com a proeza que haviam realizado naquele dia.

Maurício só entrou na barraca muito tarde da noite, quando o acampamento já estava em total silêncio. Novamente Adriana estava acordada esperando por ele. O calor do corpo da mulher que ele amava e os seus carinhos recatados não lhe despertaram o menor desejo. Enquanto Adriana o acariciava ele imaginou, inutilmente, as mais ardentes cenas lascivas com Ludmila, com Cora, com Janete, com as mulheres despudoradas que frequentavam o seu apartamento no centro da cidade. Maurício afastou com rudeza o corpo de Adriana.

“Estou muito cansado.”

“Entendo.”

“Você não entende nada”, ele disse irritado. Adriana, que nunca fora tratada por ele daquela maneira, sentiu vontade de chorar. Maurício deitou-se de lado, de costas para Adriana, e fingiu que dormia. Ela também fingiu que dormia.

14. No dia seguinte Marika comentou com Joost que alguma coisa devia estar acontecendo com o "belo caszinho brasileiro, acho que brigaram, ela está com uma cara tão infeliz". Joost respondeu, "a cara dele está pior". E Marika disse que talvez fosse melhor que os dois descobrissem que não se amavam agora, quando eram jovens e teriam tempo para reconstruir suas vidas.

O segundo dia de travessia das corredeiras foi também emocionante, ainda que todos já se considerassem veteranos depois do batismo de fogo. Quando atingiram águas mais calmas, a balsa encostou na margem do rio. Suzete armou as mesas para o almoço. Adriana e Maurício mal tocaram na comida. Adriana lavou rapidamente o seu prato, trocou algumas palavras com Suzete e caminhou pelo terreno até desaparecer. Maurício olhou as águas do rio, as montanhas de arenito vermelho, pensou no que estava fazendo naquele lugar, sofrendo por não conseguir fazer amor com a mulher que amava, uma mulher jovem e linda que desejava ansiosamente ser possuída por ele. Que inferno, nem mesmo conseguia defecar, com nojo da privada instalada no mato. Não, decidiu, pelo menos isso ele faria, ia se sentar naquele vaso e ficar lá até esvaziar os intestinos. Perguntou a Suzete se o dispositivo sanitário já podia ser usado e a guia respondeu que sim, que acabara de ser instalado por Boatman, e indicou que direção ele devia tomar para chegar ao local.

Seguindo a orientação de Suzete, Maurício encontrou a caixa com a haste espetada no solo vazia. Alguém estava usando o sanitário. De onde estava não podia ver o local do vaso. Ficou em

pé, ao lado da caixa, esperando. Então surgiu Adriana com o rolo de papel higiênico na mão. Ela passou por Maurício, colocou o rolo na caixa e sem dizer uma palavra afastou-se apressadamente.

Maurício foi até o vaso sanitário e antes de sentar olhou a camada de líquido antisséptico azul-celeste transparente que enchia o receptáculo. E pôde ver com nítida clareza um enorme bolo fecal marrom-escuro submerso no fundo. Um pedaço de papel higiênico amarfanhado boiava na superfície. Lembrou-se que Suzete lhe dissera que Boatman acabara de instalar o vaso sanitário, lembrou-se de Adriana conversando com Suzete e desaparecendo enquanto os demais ainda almoçavam. Aquela asquerosa, imensa massa excrementícia fora expelida por Adriana, e essa constatação o encheu de horror. Espalhou papel profusamente sobre o líquido, de maneira a esconder aquela visão repugnante. Seus intestinos ficaram ainda mais bloqueados. Vestiu as calças e se afastou, com o pouco que restava do rolo de papel higiênico na mão. Quando chegou na caixa onde deveria colocar o papel, parou sem fôlego.

Caminhou devagar de volta para o local do almoço. As mesas já haviam sido desarmadas. Adriana, de short, jogava bola com Jean, correndo de um lado para o outro e chutando a bola desajeitadamente. Maurício, sentado numa pedra, acompanhou pensativo os movimentos de Adriana, como se a visse pela primeira vez. Quando notou que Maurício a observava ela parou, ajeitando os cabelos. Jean foi jogar bola com Joost. Maurício e Adriana ficaram se olhando de longe. Então Maurício foi para perto de Adriana e perguntou se ela não queria dar uma volta.

Caminharam calados pela beira do rio. Maurício curvou-se e apanhou uma pedra para jogar na água.

“Você não pode fazer isso, cada pedrinha dessas está catalogada pelo governo americano, essa aí pode ser uma Obra de arte dos índios Freemont, você pode ir para a cadeia.”

Os dois riram de boca fechada.

“Estou morrendo de vergonha. Não esperava que você fosse lá logo depois de mim, você estava almoçando, que chato.” Fez uma pausa. “Você não ficou chocado?”

“Fiquei. Mas agora, vendo você, não estou mais.”

15. Naquela noite Maurício entrou na barraca antes de Adriana. Ela ficou do lado de fora, olhando as estrelas. Maurício enfiou a cabeça para fora e perguntou, “você não vem deitar?”

Adriana entrou na barraca. Maurício tirou a roupa dela delicadamente, depois se desnudou também, feliz com sua virilidade latejante. Deitaram-se e ele beijou Adriana na boca, sorvendo a saliva dela, e pacientemente percorreu com a língua as mais recônditas partes do corpo da mulher que amava, pois sabia que tinha tempo e que o seu desejo por ela se tornara inexaurível. Depois possuiu-a com um ardor que nunca tivera, e esperou que os braços e as pernas da sua mulher se enlanguessessem no gozo para fruir aquela comunhão com um deleite que não imaginava pudesse existir.

16. O rafting pelo Colorado continuou por mais alguns dias. Todas as noites, Adriana e Maurício eram os primeiros a se recolher

ao recesso da barraca. Não participavam dos jogos nem das conversas do grupo em torno das lanternas acesas, nem mesmo na noite em que George, o Boatman, contou suas extraordinárias aventuras de drogado e fora da lei.

O rio estava lá, fluindo sem parar, e as estrelas brilhavam na abóbada celeste, mas Adriana e Maurício só queriam saber das novas alegrias que o amor lhes propiciava.

O AMOR DE JESUS NO CORAÇÃO

Uma menina de doze anos de idade foi encontrada morta por excursionistas na floresta da Tijuca, num local não muito distante do Alto da Boa Vista. Fora estrangulada, havia vestígios de sêmen em sua roupa, a sua calcinha desaparecera, mas não ocorrera estupro. Os peritos da polícia calcularam que a menina fora morta cerca de quarenta e oito horas antes. A uns dois quilômetros do local onde o corpo foi encontrado havia um colégio para crianças pobres, mantido por freiras. Os detetives Leitão e Guedes foram ao colégio e souberam que uma aluna desaparecera havia dois dias. Maria de Lurdes Gomes, ou Lurdinha, como a morta era conhecida pelas colegas, estudava e morava no colégio. Era uma aluna rebelde, que não gostava da disciplina exigida pelas freiras, recusava-se a trabalhar na cozinha, na horta ou na oficina de costura. As freiras acreditavam que houvesse fugido, como sempre ameaçava fazer. A falta dela fora notada na hora do jantar.

“As senhoras têm alguma foto da menina?”, perguntou Leitão.

As freiras trouxeram uma fotografia, que os policiais olharam por algum tempo.

“Onde é a capela?”, perguntou Leitão.

Uma freira levou os dois policiais até a capela do colégio. O recinto tinha algumas fileiras de bancos toscos de madeira e um altar com a figura de Cristo pregado numa cruz. Leitão foi até o altar, fez o sinal da cruz e ajoelhou-se. Guedes ficou em pé, olhando as paredes sujas e descascadas da capela, enquanto o seu colega rezava. Ao fundo, a freira assustada espiava em silêncio os policiais.

Leitão rezou algum tempo. Levantou-se, fez outro sinal da cruz. Os dois policiais saíram da capela.

“Pedi a Jesus pela alma da vítima e que me iluminasse e me desse forças para pegar o assassino”, disse Leitão para a freira. A freira tentou falar alguma coisa, mas não conseguiu.

“Gostaríamos de falar com a encarregada”, disse Guedes.

“Madre superiora”, corrigiu Leitão.

Os policiais foram levados ao gabinete da madre superiora, uma mulher idosa e ligeiramente surda a quem deram a notícia de que Maria de Lurdes fora assassinada. A madre superiora respondeu chocada às perguntas dos dois tiras. A menina não tinha parentes, fora encaminhada ao colégio por uma instituição com a qual as freiras mantinham convênio; não havia homens no colégio; todo trabalho era realizado pelas alunas e pelas freiras; os suprimentos eram comprados num supermercado da Tijuca e entregues por um empregado de nome Eleutério. Era o único homem que entrava no colégio.

“Bombeiro? Eletricista? Carpinteiro?”, perguntou Guedes.

As próprias freiras faziam esses trabalhos.

“Pintor?”

Havia anos que as paredes não eram pintadas. Não havia dinheiro para isso.

Leitão e Guedes escreveram num papel o nome deles e o telefone da delegacia e pediram à madre superiora que telefonasse caso notassem qualquer coisa estranha acontecendo no colégio; acrescentaram que voltariam em outra ocasião.

Foram ao supermercado. Eleutério havia saído para fazer uma entrega. Os policiais esperaram. Um caboclo forte, de uns quarenta anos, chegou num triciclo de entregas. O gerente disse que aquele era o homem que procuravam.

“Somos da polícia. Venha com a gente à delegacia”, disse Leitão.

“Ele fez alguma coisa?”, perguntou o gerente.

“Queremos apenas conversar com ele”, disse Leitão. Entraram no carro da polícia.

“Você é católico?”, perguntou Leitão.

“Sou, sim, senhor.”

“É católico mesmo ou é desses que apenas engordam a estatística?”, perguntou Leitão.

“Sim, senhor.”

“Sim, senhor, o quê?”, disse Leitão.

“Ele quer saber se você vai à igreja aos domingos. Se é católico praticante”, disse Guedes.

“Sim, senhor.”

“E na sexta vai ao candomblé, não é?”

“Sim, senhor.”

“Mais um católico macumbeiro”, disse Leitão. “Ouça, cidadão, católico não vai à macumba.”

“Leitão, você está confundindo o cara.”

“Você achava as meninas do colégio bonitinhas?”

“Sim, senhor.”

“Leitão, você está me irritando.”

“Você é outro, Guedes, que se diz católico e não vai à igreja.”

“Se vou ou não à igreja não é da sua conta.”

“Então não fica dizendo que é católico.”

“Eu nunca disse a você que era católico.”

“Então você não é católico? Anda, responde.”

“Está me interrogando? Não chateia. Sou tira há mais tempo do que você.”

“Mas eu não tenho registro desabonador no meu prontuário.”

“Vai se foder, Leitão.”

Leitão balançou a cabeça, pensativo, como se dissesse que estava registrando aquilo. Leitão jamais dizia palavras obscenas e se ressentia com o constante linguajar chulo do colega. Guedes abriu o vidro do carro e cuspiu.

Chegaram à delegacia.

“Deixa que eu interrogo o indivíduo”, disse Leitão.

“Eu interrogo”, disse Guedes.

Guedes se trancou numa sala com Eleutério.

Leitão perguntou ao escrivão se o excursionista que achara o corpo fora convidado a comparecer à delegacia. O escrivão respondeu que sim.

Guedes abriu a porta da sala e mandou chamar a mulher que vendia cafezinho. Ficou em pé na porta, esperando a mulher. Leitão olhou para o interior da sala e viu Eleutério sentado numa cadeira, com a cabeça baixa. Guedes pegou dois cafezinhos, pagou e fechou a porta.

“Antigamente você convidava um cidadão para vir à delegacia e o indivíduo vinha correndo”, disse Leitão. “Ninguém respeita mais a polícia.”

“Ele está no horário”, disse o escrivão.

O excursionista chegou, acompanhado de uma mulher. A mulher explicou que não fora convidada mas resolvera comparecer também, pois estava com o noivo fazendo uma excursão ao pico do Papagaio quando encontraram o corpo. Desceram correndo até o centro do bairro e telefonaram do bar para a polícia.

Guedes abriu a sala e saiu com Eleutério.

“Pode ir”, disse Guedes.

“Você está mandando o indivíduo embora? Ele não vai depor?”, perguntou Leitão.

“Não precisa depor, ele não sabe nada, não está envolvido. Vai embora, não mandei você ir embora? Está esperando o quê?”

“Nós ainda vamos conversar com você, ouviu?”, ameaçou Leitão.

“Vai embora, porra”, disse Guedes empurrando Eleutério. O entregador saiu, olhando assustado para o tira.

“Você não pode ir descartando os suspeitos dessa maneira.”

“Não se meta na minha maneira de trabalhar. Se não está satisfeito vá se queixar ao delegado.”

“Nós estamos juntos nisso, Guedes. O delegado colocou nós dois no caso. Está me chutando para corner?”

“Eu apertei o cara. Ele é inocente.”

“Você não aperta ninguém.”

“Da sua maneira, não.”

“Telefone para você, Guedes”, disse o escrivão.

Uma voz feminina. “É a irmã Celestina. Tenho um pedido a lhe fazer, senhor Guedes.”

“Estou ouvindo.”

“Nós gostaríamos de receber o cordão com a medalha de são Bento que Maria de Lurdes usava. Todas as nossas meninas usam um cordão com a medalha de são Bento.”

“Pode deixar, irmã, eu levo a medalhinha para a senhora.”

Guedes ligou para o Instituto de Criminalística. Os peritos disseram que nenhum cordão com medalha fora encontrado no corpo. Em seguida Guedes ligou para o IML e falou com o legista que fizera a autópsia. Sim, a morta tinha uma marca na parte posterior do pescoço, poderia ter sido causada ao arrancarem o cordão com violência.

“Onde é que está o Leitão?”

“Conversando com o delegado.”

“Quando ele sair diz que quero falar com ele.”

Guedes foi ao banheiro urinar. O jato da urina estava cada vez mais fraco. Sua próstata não devia estar muito boa. Precisava marcar uma hora no médico. Sempre que urinava ele fazia essa promessa. Encontrou Leitão ao sair do banheiro.

“O assassino levou um cordão com a medalha de são Bento que a menina usava.”

Leitão balançou a cabeça, seu queixo quase batendo no peito.

“Levou a calcinha dela também.”

“Vou ver os registros para ver se tem algum tarado morando naquela região.”

Os registros da polícia não forneceram nenhuma informação útil. Os dois tiras trabalharam a semana toda interrogando pessoas no Alto da Boa Vista. Guedes ia diariamente ao colégio conversar com as meninas. Leitão achava que ficar dentro do colégio era perda de tempo, era preferível realizar investigações nas vizinhanças, ir de casa em casa fazendo perguntas, ir a bares, quitandas, armazéns, ir a todos os lugares e fazer perguntas cujas respostas Leitão anotava minuciosamente, para examinar depois; o trabalho de Guedes, por seu turno, não era fácil, ainda que menos cansativo que o de Leitão. As meninas o olhavam com hostilidade e medo, muitas delas antes de serem encaminhadas ao colégio de freiras haviam sido meninas de rua detidas por pequenos delitos. Guedes era um solteirão, sem filho, que não tivera irmãos, e o contato com as meninas, principalmente as adolescentes, era-lhe estimulante, física e mentalmente. Às vezes Leitão ia com Guedes ao colégio, mas apenas para rezar na capela. Logo se retirava para fazer o que chamava de varredura da comunidade.

No fim da semana algumas meninas reagiram com menos desconfiança aos contatos com Guedes. Ele era uma boa figura

paterna, com sua barba grisalha mal-aparada e sua fala tranquila, e suas perguntas nunca pareciam interrogativas.

“Sempre gostei de orquídeas, se tivesse dinheiro enchia minha casa de orquídeas. Ela é sua?” Guedes entrava pela primeira vez no dormitório das meninas, acompanhado da irmã Celestina e de Alice, uma das alunas, em cuja mesinha de cabeceira havia uma orquídea.

“É minha”, respondeu Alice.

“É tão linda, azul e vermelha, a natureza não é uma coisa surpreendente?”, disse Guedes.

Alice respondeu que adorava flores.

“Onde foi que você encontrou essa?”

“No bosque do colégio, eu colhi ontem”, respondeu Alice, mas o tira percebeu uma tênue, quase imperceptível hesitação na sua voz.

“As meninas sempre acham orquídeas nos terrenos do colégio, eu nunca achei nenhuma, mas também não tenho muito tempo para procurar”, disse irmã Celestina.

“Que coisa bonita, várias mesinhas de cabeceira têm potes com orquídeas. O terreno do colégio é grande?”

“Enorme. Vai até a floresta.”

“Se eu achar uma orquídea a madre superiora me deixa ficar com ela?”

“Caso o senhor prometa que vai cuidar bem da orquídea, como as meninas fazem, a madre permitirá certamente que fique com ela. Nós procuramos desenvolver nas alunas uma consciência ecológica.”

“Nunca tive uma orquídea na minha vida. E o Brasil é o país das orquídeas.”

“Elas existem em muitas regiões do mundo, mas são mais encontradas nas florestas tropicais”, disse irmã Celestina.

“Qual era a cama da Maria de Lurdes?”

Na mesinha de cabeceira da cama da menina assassinada havia uma orquídea grande, de muitas pétalas.

“Creio que a única coisa de que Lurdinha gostava no colégio era da sua orquídea”, disse irmã Celestina, com tristeza.

“E esses potes, são feitos pelas meninas?”

“Seu Francisco, um oleiro do Alto, nos fornece os potes a preço de custo.”

Durante dois dias Guedes percorreu os terrenos do colégio. Não achou uma única orquídea. Depois foi procurar o oleiro.

Nos fundos da casa de Francisco, um homem de cerca de cinquenta anos, viúvo, sem filhos, que morava sozinho, estava instalada a pequena olaria onde ele fabricava peças de barro e cerâmica. Guedes bateu na porta. Disse que era da polícia. Francisco mancava de uma perna. Guedes entrou com ele na casa de alvenaria, de chão gasto de ardósia.

“O que o senhor quer de mim? Não devo nada a ninguém.”

“É sobre os potes de barro que o senhor vende para as irmãs do colégio.”

“Eu dou os potes para as irmãs, elas são muito pobres e eu não tenho coragem de cobrar.”

“As meninas vêm aqui apanhar os potes?”

“Vem uma delas, com a irmã Celestina. As freiras não deixam as garotas saírem desacompanhadas. Elas são fogo.”

“As freiras ou as meninas?”

“As freiras. São duronas, mas acho que tem de ser assim mesmo.”

“Uma coisa horrível o que aconteceu com aquela menina”, disse Guedes.

“Não gosto nem de pensar nisso.”

“Sabe para que são usados os potes?”

“Os potes são para flores. Não sei se elas usam de outras maneiras. Nem quero saber.”

“As meninas colocam orquídeas nos potes.”

“Orquídeas?”

“Acha isso estranho?”

“Eu disse que achava estranho?”

“Tive a impressão de que o senhor ficou surpreso. Um pouco preocupado, talvez.”

“Não fiquei, não. Agora o senhor me dá licença que eu tenho de trabalhar.”

Guedes não contou a Leitão a conversa que tivera com Francisco.

Num domingo uma outra aluna, Celma Rego, treze anos, foi encontrada morta na floresta. Também fora estrangulada, havia vestígios de esperma na sua roupa, ela não fora sexualmente violentada e sua calcinha e seu cordão com a medalhinha não foram encontrados. O modus operandi indicava que o assassino devia ser o mesmo de Maria de Lurdes. Na mesinha de cabeceira de Celma havia um pote com uma orquídea.

O ambiente no colégio agora era de consternação e medo. As alunas e as freiras, assustadas, evitavam os policiais. Leitão tornou-se ainda mais sóbrio e piedoso. Rezou na capela do colégio pela alma da morta e novamente pediu a Deus que lhe desse forças para prender o assassino.

“Precisamos sentar e comparar as nossas anotações”, disse Leitão.

“Por enquanto não descobri nada”, disse Guedes.

“Como é que ia descobrir? Passa os dias conversando com as meninas.”

“E você? Descobriu alguma coisa?”

“Estou investigando um suspeito. Um indivíduo chamado Francisco, que vende objetos de cerâmica para as freiras.”

“Você já esteve com ele?”

“Ele foi um dos *muitos* que interroguei”, disse Leitão enfatizando a palavra muitos.

“Quando?”

“Quinta-feira passada”, disse Leitão, depois de consultar anotações feitas num bloco.

“Estive com Francisco depois disso e ele não me disse que falara com você.”

“Você esteve com o cidadão e não me disse nada?”

“Estou dizendo agora. Você também só está me falando disso neste momento.”

“O tal Francisco não te disse que eu já havia estado com ele? Você não acha isso estranho?”

“Ele não é muito loquaz”, disse Guedes.

“Mas o normal seria dizer a você que um outro policial já estivera na casa dele. Eu não gostei desse indivíduo, fala medindo as palavras, como quem tem culpa no cartório. Acho que a gente tem que trabalhar mais essa pista.”

“Várias meninas têm orquídeas na mesinha de cabeceira. Elas dizem que apanham as flores no terreno do colégio.”

“Orquídeas? Não gosto dessa flor, tem qualquer coisa de obsceno nela.”

“Mas durante dois dias percorri o terreno do colégio e não vi orquídea alguma. As meninas estão mentindo.”

“Guedes, por que elas iriam mentir sobre isso? Você não deve ter procurado direito. Quer apostar como eu acho várias orquídeas no terreno do colégio? E não vou precisar de dois dias.”

“Basta achar uma que você ganha a aposta.”

Leitão informou a irmã Celestina, indicada pela madre superiora para dar assistência aos tiras, que iria fazer sozinho uma caminhada longa pelo terreno do colégio. Guedes foi para a casa, pegou um livro, tirou os sapatos e foi ler na cama. Mas o tempo todo pensava em mulheres adolescentes e orquídeas.

No dia seguinte pela manhã os dois tiras se reuniram na delegacia.

“Perdi a aposta. Procurei por toda parte até o anoitecer. Naquele lugar nunca cresceu uma orquídea. As garotas estão mentindo, você tinha razão. Elas saem sem permissão e vão apanhar orquídeas em algum lugar. Você acha isso importante para as nossas investigações?”

“Acho. Muito importante.”

“Eu não vejo a razão, mas, se você quer, vamos lá conversar com elas.”

“Deixa que eu faço as perguntas.”

Quando chegaram ao colégio procuraram a irmã Celestina.

“Gostaríamos de interrogar uma ou duas alunas”, disse Leitão.

“Interrogar?”

“Conversar”, disse Guedes.

“Mas não pode ser na sua presença”, acrescentou Leitão.

“O quê? Os senhores vão bater nelas?”

“Nós não batemos em crianças, irmã”, disse Leitão.

“A senhora pode estar presente, mas peço que não interfira na nossa conversa, por favor”, disse Guedes.

“Preciso consultar a madre superiora. Os senhores falaram em interrogatório?”

“Apenas uma conversa. Outra coisa, gostaria que uma delas fosse a Alice, aquela aluna com quem conversei na sua presença no outro dia, no dormitório, lembra?”

A irmã Celestina saiu da sala.

“As garotas não vão contar a verdade na frente da irmã Celestina”, disse Leitão.

“É. Mas não há outro jeito. Enquanto ela não vem, vai rezar um pouco na capela.”

Leitão balançou a cabeça, agora mordendo os lábios. Estava anotando aquilo também. “O teu mal, Guedes, é que você não ama Jesus.”

A irmã Celestina voltou com Alice e uma outra menina.

“A madre superiora disse que eu tenho que estar presente”, disse a freira secamente.

“Como vai, Alice?”, perguntou Guedes delicadamente.

“Bem...”

“E o seu nome, qual é?”, perguntou Guedes à outra aluna.

“O nome dela é Raimunda”, disse a irmã Celestina.

“Alice, como você, eu adoro as flores. Lembra da nossa conversa sobre orquídeas? Você me disse que colhera a sua recentemente no terreno do colégio. Foi mesmo no terreno do colégio? Se foi em outro lugar da floresta, eu peço por favor que me diga onde foi, a irmã Celestina não vai punir você. Não é, irmã Celestina?”

A freira manteve-se em silêncio.

“Foi no terreno do colégio”, disse Alice com voz quase inaudível.

“Não existem orquídeas no terreno do colégio, eu e o detetive Guedes procuramos e não achamos.”

“Foi no terreno do colégio”, repetiu Alice em voz baixa.

“E você, Raimunda? Onde colheu a sua?”

Raimunda não respondeu.

“Onde foi, Raimunda, que você achou a sua orquídea?”

“Foi... foi... no terreno do colégio...”

“Essa menina está mentindo, está claro que ela está mentindo. Não minta para a gente, menina, nós estamos tentando pegar o demônio que matou as suas amiguinhas. Não minta!”, disse Leitão.

Raimunda ao ouvir isso abraçou soluçando a irmã Celestina. Alice fez o mesmo que Raimunda, mas, ainda que evidentemente amedrontada, Guedes percebeu que o seu choro era falso. Notou

ainda que Alice levou a mão ao peito como se procurasse tocar uma inexistente medalhinha de são Bento dependurada num cordão. As blusas de malha sem gola que as meninas usavam permitiam que Guedes visse o cordão em torno do pescoço de Raimunda. Mas não havia cordão no pescoço de Alice.

“Vocês não podem tratar essas meninas como estão acostumados a lidar com os bandidos que prendem e torturam”, exclamou a freira indignada.

“Não vamos maltratar vocês, peço desculpas se...”

Irmã Celestina não deixou que Guedes terminasse a sua frase. “A madre superiora será informada sobre o procedimento rude dos senhores. Peço que se retirem imediatamente.”

Os dois tiras pegaram o carro da polícia e foram beber água no bar do centro do Alto.

“Desculpe, Guedes, eu perdi a cabeça. Existe um ser diabólico que se continuar solto vai certamente matar outra menina e aquelas duas pirralhas tontas dizendo mentiras para nós, obstruindo a ação da Justiça, me deixaram irritado. Se fossem adultas eu prendia.”

Guedes bebeu outro copo de água.

“Vamos procurar o oleiro Francisco.”

“Você acha que foi ele”?, perguntou Leitão, excitado.

“Não sei. Mas Francisco pode nos fornecer uma boa informação.”

Entraram no carro e foram até a olaria de Francisco. Bateram na porta.

“É a polícia. Abra a porta”, ordenou Leitão.

“Venham amanhã. Agora não posso falar com vocês.”

“Abra a porta, cidadão, do contrário vamos levá-lo preso para a delegacia”, gritou Leitão.

Francisco abriu a porta.

“Deixa que eu falo com ele”, disse Guedes, “guarda essa arma.”

Os dois tiras entraram na casa do oleiro.

“Não cometi crime nenhum”, disse Francisco.

“Você não nos contou tudo o que devia.”

“Contar o quê? Não sei de nada.”

“Você sabe onde as meninas apanham as orquídeas e não quis me dizer.”

“Isso é obstrução da Justiça, você pode ser preso por isso”, disse Leitão.

“Não sei de nada.”

“Francisco, duas meninas foram mortas, nós acreditamos que isso foi feito por uma pessoa doente que precisa de tratamento.”

“Um demônio que deve voltar para o inferno de onde ele veio”, disse Leitão.

Guedes segurou com força o braço de Leitão, que se calou.

“Está desconfiado do meu sobrinho? Ele não é maluco e não faria uma coisa dessas.”

“Não estamos dizendo que foi o seu sobrinho. Ele trabalha com você?”

“Não, ele é guarda-florestal.”

“Um guarda-florestal não cometeria um crime desses”, disse Guedes, sem deixar de apertar com força o braço de Leitão. “Ele é seu sobrinho e você o conhece bem, e se você diz que ele seria incapaz de matar duas meninas nós acreditamos, apenas queremos

conversar com ele, como estamos conversando com você e com todo mundo que mora nestas vizinhanças.”

“Gumercindo tem um orquidário lá em cima onde mora e dá as orquídeas para as meninas. Dá de graça, da mesma maneira que eu dou os potes para as freiras, ele gosta de flores, Gumercindo é um bom rapaz, eu criei ele quando a mãe morreu.”

“Um homem que gosta de flores tem que ser uma boa pessoa, incapaz de matar uma mosca. Eu sou um velho tira e sei disso. Seu Francisco, o senhor pode levar a gente lá na casa dele?”

“Não aguento subir o morro. Minha perna. Só se pode chegar lá a pé.”

“Então explica para a gente onde fica.”

Os dois tiras subiram o morro, Leitão na frente, impaciente, pedindo a Guedes que se apressasse.

Afinal, seguindo a orientação de Francisco, chegaram à casa de Gumercindo, de paredes de tijolo caiado, portas e janelas pintadas de azul. Ao lado ficava o orquidário, um galpão com cobertura de zinco e telas laterais de arame fino.

Leitão bateu na porta. Ninguém respondeu.

“Acho que ele saiu”, disse Guedes.

Leitão meteu o pé na porta, arrombando-a.

“Nós não podemos fazer isso”, disse Guedes.

“Já fiz.” Leitão entrou na casa, seguido por Guedes. A sala, de chão de terra batida, continha uma mesa, duas cadeiras e um armário de porta envidraçada. Num canto havia a imagem de um orixá de barro.

“Sabe o que é isto? Sabe o que é isto, Guedes?”

“Não.”

“Exu. Exu é o demônio, Guedes.”

“Isso não interessa, Leitão.”

“O Diabo existe, Guedes, Deus existe e o Diabo existe. Esse indivíduo cultua o Diabo.”

Da sala, depois de abrir a cristaleira e inspecionar a pouca louça no seu interior, os policiais foram para a pequena cozinha e examinaram o fogão a gás de bujão e a pia com um copo com restos de café. Ao lado do fogão, num armário tosco, provavelmente construído pelo próprio guarda-florestal, Guedes e Leitão encontraram latas com arroz, feijão, açúcar, café e sal, onde enfiaram as mãos procurando pelas medalhinhas. Os pacotes de macarrão foram abertos mas as duas latas de salsicha os tiras deixaram fechadas. No boxe de chão ladrilhado, examinaram o chuveiro e o vaso sanitário. No pequeno quintal enfiaram a cara no tanque e depois examinaram uma a uma as roupas dependuradas num varal à procura das calcinhas. No quarto, também de chão de terra batida, foram revirados a cama, a mesinha de cabeceira, feita com um caixote de madeira, e o armário de roupas. Os tiras faziam esse trabalho em silêncio.

Um cordão com a medalhinha de São Bento foi encontrado no armário do quarto, dentro de uma caixinha de madeira.

“Foi ele, lembra daquele macumbeiro que matou um menino numa cerimônia diabólica? Temos na mão um caso igual.”

“Calma, Leitão.”

“Calma, você me pede calma? Vamos procurar mais, em algum lugar ele escondeu a outra medalhinha e as calcinhas.”

“Já procuramos.”

“Mais, vamos procurar mais”, disse Leitão.

“Você procura”, disse Guedes sentando-se numa das cadeiras da sala.

“Vou dizer ao delgado que você não está colaborando.”

“Diga o que quiser.”

Leitão revirou a casa, parecia desesperado. Não encontrou o que procurava.

“Precisamos voltar ao colégio, quero conversar com a Alice.”

“Você está louco, Guedes? Voltar ao colégio e deixar o criminoso escapar? Temos que ficar aqui esperando por ele.”

“Preciso esclarecer uma coisa importante com aquela menina. E nós ainda não sabemos se o Gumerindo é o criminoso.”

“Esclarecer o quê? Não há mais nada a elucidar. E as freiras não vão deixar você falar com a garota.”

“Vamos fazer o seguinte. Você fica aqui. Se o Gumerindo aparecer você o detém, só isso, não quero que você aperte o sujeito, nada, entendeu, detém o sujeito e me espera. Me espera, não faça nada.”

“Faço um cafezinho para ele?”

“Não faça porra nenhuma, eu estou mandando! Sou o tira mais velho e estou chefiando esta investigação. Ordens do delegado.”

Leitão balançou a cabeça, estava registrando mais uma.

“Estamos entendidos?”

Leitão balançou a cabeça mais uma vez.

“Anda, responde, estamos entendidos?”

“Estamos.”

“Você me espera chegar?”

“Espero.”

Guedes desceu o morro e foi ao colégio.

Foi recebido na porta pela irmã Celestina e mais quatro freiras, entre elas a madre superiora. As irmãs se postaram unidas ombro a ombro à frente de Guedes, preparadas para impedir que ele invadisse o colégio.

“O senhor não é bem-vindo nesta casa”, disse a madre superiora.

“Senhora madre superiora, irmã Celestina, prezadas irmãs, eu vim aqui como um funcionário da Justiça em missão oficial para lhes pedir um favor, um simples favor, fácil de ser atendido, e prometo que me retiro, muito agradecido, em seguida.”

“Diga que favor é esse e seja breve.” A voz da madre superiora era firme e rouca.

“Nós sabemos que as alunas, desobedecendo ordens, saíam do terreno do colégio e obtinham as flores num orquidário que fica lá no alto do morro. O orquidário é de um guarda-florestal de nome Gumercindo. Nós fomos lá e encontramos um cordão com medalhinha, desses que as alunas do colégio usam. Eu suspeito que essa medalhinha não pertencia a nenhuma das meninas assassinadas, ao contrário do que pensa o meu colega. Creio que essa medalhinha era da aluna Alice, e que ela a deu voluntariamente ao guarda-florestal. É muito importante para nós apurarmos isso”, disse Guedes apressadamente, ao perceber um gesto de impaciência da irmã Celestina, “não queremos acusar um inocente.”

As freiras confabularam em voz baixa. A irmã Celestina se retirou. As freiras que permaneceram, agora de mãos dadas, formaram uma barreira mais compacta na frente de Guedes.

Não demorou muito para a irmã Celestina voltar. Sussurrou ao ouvido da madre.

“Relate isso ao policial”, ordenou a madre superiora.

Com voz titubeante a irmã Celestina disse que a aluna Alice confessara que realmente entregara o cordão e a medalha ao guarda-florestal. Gumercindo dera a Alice outra orquídea, mas Alice queria uma mais bonita e oferecera o cordão com a medalha em troca.

Guedes agradeceu e saiu. Subiu o morro mais rápido que suas forças permitiam.

Leitão estava na porta da casa de Gumercindo.

“O sujeito veio?”

“Está lá dentro”, disse Leitão.

Gumercindo estava caído na sala, sua camisa empapada de sangue. Ao lado da imagem de Exu em pedaços.

“Você matou o cara, porra!”

“Ele reagiu.”

“A medalhinha foi dada a ele pela menina.”

“Ele reagiu.”

“Reagiu merda nenhuma!”

“Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça.”

“Você é um fanático, Leitão.”

“Eu estou de bem com a minha consciência. Estou de bem com Deus. Tenho o amor de Jesus no coração.”

CARPE DIEM

Os ricos não moram mais em Copacabana, mas ainda existem alguns apartamentos de luxo na avenida Atlântica ocupados por novos milionários que gostam de dar grandes festas de réveillon. É numa dessas festas, num apartamento de cobertura, que um homem, cujo nome ainda não sabemos, se encontra com uma mulher, também desconhecida, no último dia do ano.

As mulheres da festa estão todas de branco, vestidos longos ou saias curtas bem acima dos joelhos; as que têm a pele bronzeada de sol exibem largos decotes. Os homens também usam roupas brancas de fino acabamento, alguns vestem summer jackets sem medo de serem confundidos com os garçons. Iemanjá, a rainha do mar, o orixá feminino dos iorubanos a quem todos homenageiam nesse dia, manda usar roupa branca para dar sorte no ano-novo.

Mas esse homem que vai se encontrar daqui a pouco com essa mulher está de preto, smoking preto. Ele entra no apartamento, permanece algum tempo no grande salão onde as pessoas bebem e dançam. Depois vai para o andar de cima, onde há outros salões,

um dos quais com as paredes ocupadas até o teto por estantes cheias de livros encadernados de vermelho e azul, dispostos com irrepreensível simetria. Ele fica algum tempo olhando os livros, em seguida sobe para o terraço e se debruça no parapeito.

Você não vai se atirar lá embaixo, vai?

É a nossa desconhecida. Vestida de branco, uma minissaia muito curta deixa ver suas pernas bonitas, que parecem ainda mais compridas devido aos sapatos de salto alto. O encontro com aquele homem, diria ela mais tarde, não tinha sido obra do acaso, que pressuponha a inexistência de qualquer regra, mas fora, sim, determinado por um poder superior, misterioso e incognoscível.

Não, ele responde, não vou me atirar lá embaixo, pareço assim tão desesperado? Dizem que aqui na orla estão dois milhões de pessoas esperando para ver os fogos de artifício. Eu queria me certificar.

Deve ser mentira.

Odeio réveillon.

O Natal é pior.

Os dois são piores.

Ouve-se um coro de vozes, vindo da rua.

O que estamos fazendo aqui? Não vai me surpreender dizendo que é a dona da casa e por isso é obrigada a ficar.

Eu também vi esse filme. Vamos sair e molhar os pés na água do mar.

Descem pelo elevador, em silêncio, imaginando frases inteligentes para dizer. Saem, atravessam a avenida. Conseguem passar no meio da multidão que se comprime na areia e chegam à

beira do mar. Ela dá os sapatos para ele segurar e entra na água até os joelhos. Ele cheira os sapatos.

E agora?, ele pergunta. Ele lhe dá o seu lenço, com o qual ela tenta enxugar as pernas.

Agora eu vou embora.

A gente não se vê mais?

Depois de amanhã eu vou para Paris.

A gente podia se encontrar em Paris.

Seria interessante.

Onde?

No Arco do Triunfo. Dia quinze às quinze horas.

É fácil de guardar. Quinze é o meu número de sorte.

Separaram-se na praia, caminhando em direções opostas, olhando repetidamente para trás para ver o outro e acenar, até que somem no meio da multidão.

No dia quinze ele chega ao Arco do Triunfo às quatorze horas. Ela chega às quinze horas. A não ser turistas japoneses com máquinas fotográficas a tiracolo, ninguém se encontra embaixo do Arco do Triunfo, não é um lugar adequado para isso. Mas os dois estão ali e se cumprimentam, apertando formalmente as mãos, perturbados pelo movimento intenso dos automóveis em torno.

Em que hotel você está?

Plaza Athénée.

Eu estou no George V.

Você já almoçou?

Vão almoçar num bistrô na Rive Gauche, excepcionalmente aberto àquela hora. Os dois gostam de comer escargots. Depois vão ao cinema.

Como seria o mundo quando não havia cinema?

Horrível.

Jantam juntos. Em seguida vão para o hotel dela. Ela o leva até o banheiro do apartamento e mostra os potes e vidros ao lado da pia.

Não podemos, nós mulheres, ficar sem essa coisa toda perto da gente.

No quarto, abre o armário de roupas. Eu durmo de pijama. Agora você entendeu por que eu quis vir para o meu hotel?

Muito justo.

Você não usa pijama, usa?

Não. Mas se dormir nu eu me resfrio, mesmo debaixo das cobertas.

Você dorme com o quê?

Tee-shirt.

Experimenta este paletó de pijama.

Ele tira a camisa e veste o paletó do pijama dela.

Está apertado. Mas não tem problema, eu durmo com a minha camisa.

Vai ficar toda amassada.

Não tem problema.

Luz acesa ou luz apagada?

O que você prefere?

Podemos deixar a luz do banheiro acesa. Para podermos ver o rosto um do outro.

Isso é bom. Eu beijo com os olhos abertos.

É mesmo? Eu sempre fecho os olhos.

Beijam-se.

Está vendo, se eu abrir os olhos fico vesga. Não fiquei vesga?

Um pouco. Então fecha os olhos.

Eu não sei o seu nome.

Nem eu o seu.

Sabrina.

Robert.

Não quero saber nada sobre a sua família.

Também não quero saber nada sobre a sua família.

Ficam em Paris uma semana, o dia inteiro e a noite inteira juntos. Tomam banho juntos. Beijam-se com a boca cheia de comida, com a boca cheia de pasta de dentes, com o rosto molhado, com o rosto ensaboado. Ficam dias inteiros no quarto, rompendo os limites da imaginação e do corpo, como ela diz. Ele faz imitações de atores famosos, Cagney, Bogart, Karloff. Ela imita atrizes de filme B fazendo striptease. Depois voltam para a cama. O pau dele fica esfolado e a boceta dela inchada.

Quando chegar ao Rio me liga neste número. Sou uma mulher muito rica.

Eu sou um homem muito rico. Por que você me disse isso?

Por que você me respondeu isso?

Como seria o mundo quando não havia cinema?

Horrível.

Ela acena antes de sumir no portão de embarque.

Ele fica mais dois dias em Paris. Vê dois filmes. E pega o avião para o Rio.

Ao chegar, telefona para ela e combinam ir ao cinema no centro da cidade, sessão da tarde. Esse passa a ser o programa das quintas-feiras. Chegam e saem separados do cinema e dali seguem para um motel, sempre o mesmo motel modesto, no centro da cidade, que jamais seria frequentado por um conhecido deles.

Três meses se passam e ele ainda não sabe o nome verdadeiro dela, nem ela o dele. E nada sobre as respectivas famílias. Quando estão na cama, um em cima do outro, ela sempre pergunta, abrindo os olhos, por que você não se casa de verdade comigo? Ou então diz, vamos ter um filho juntos, eu quero ter um filho teu.

Alugam caixas postais. Escrevem um para o outro e nas cartas dizem coisas que não têm coragem de pronunciar frente a frente. Ele não tem coragem de bancar o poeta a viva voz, ainda que sinta muita vontade de fazer isso, e ela não tem coragem de lhe dizer palavras obscenas no momento em que fazem amor, ainda que sinta muita vontade de fazer isso. Escrevem cartas, uma coisa antiga. Mas nem nas cartas, pelo menos no princípio, ela tem coragem de dizer tudo, há coisas que não podem ser nem ditas nem escritas.

CARTA DA ÉGUA ÁRDEGA, VULGO SABRINA

Meu querido pamonha,

Estou parecendo uma idiota entusiasmada (copiei a frase daquele filme nojento que assistimos de mãos dadas) e não compreendo como você foi capaz de fazer isso comigo, me deixar sozinha esses dias todos. Desligamos o telefone e estou aqui, suspirando. Essas conversas me deixam com muita vontade de ir para a cama com você. Fico pulsando, o momento em que você entra na minha carne. Quarta-feira, o dia mais bonito da semana, será o nosso casamento, está bem? Assim que a gente entrar naquele quarto vou te comer, ali mesmo na porta, você vai ver. Agora não somos mais namorados, é mais sério, está bem? Eu adoro quando você diz que está morrendo por minha causa. Nenhum homem morreu por minha causa.

CARTA DO FODEDOR, VULGO ROBERT

Branca como um lírio, uma folha de papel, branca como o sol. Os cabelos negros tão finos se jogados para o ar nunca mais caem no chão; olhar de égua árdega, besta arisca, corta meu coração. É o fim do mundo. Nas noites em claro só existe a luz da brancura do sartório e do seio. Não adianta bater com a cabeça na parede.

CARTA DE SABRINA

Meu adorável fodedor,

Acho uma merda quando acordo e sinto que o meu corpo não dói mais. Passei o fim de semana na fazenda de uns amigos, o

Dadinho e a Licinha, eles criam cavalos de raça, puros-sangues ingleses. Penso em você me agarrando no elevador, o seu corpo de cavalo, o seu pau maravilhoso que eu adoro chupar, as nossas risadas, e você me contando que me traiu com uma garota loura. Seria tão bom se o seu pau fosse atarraxado no seu corpo e assim quando a gente se separasse eu desatarraxava o seu pau e levava comigo. E depois atarraxava quando a gente se encontrasse. E desatarraxava. E atarraxava.

Choveu muito. Choveu dentro de mim. Aquilo lá é muito triste quando chove. Foi assim o meu fim de semana de recém-casada. Estou feliz com o nosso casamento, foi uma cerimônia maravilhosa, ainda sinto cheiro de flores. E do nosso sexo também. Agora que você é meu marido, gostaria que parasse com essa mania de desejar as mulheres. Pare com isso, está bem? Seja completamente meu. Quero gastar a minha vida com você, fazendo sexo, te beijando na boca, e ouvindo você falar todas essas coisas maravilhosas que você me fala na cama, quando não estamos fodendo.

Eu quero você, fodedor. Venha logo. Carpe diem.

I love you.

No dia em que soube o nome dela, ele vencera sua timidez, afinal todo ser humano aspira ser poeta, e falara com palavras inspiradas, segundo ela. Estavam na cama.

Você se ofereceu aos meus olhos sabendo que os corpos se encaixavam. E depois se ofereceu aos meus ouvidos, sabendo a sofreguidão que causaria. Nem altas árvores, nem belos cavalos,

nem poemas astutos podem substituir o calor, o perfume das suas enzimas. Carpe diem? Horácio que se foda. Estou batendo com a cabeça na parede. Tudo porque nossos corpos se encaixavam e aceitei as dádivas que você fez aos meus olhos e ouvidos.

Meu amor, parece uma das tuas cartas.

Ela fica tão emocionada que diz o seu nome verdadeiro.

Família tradicional. Não sabia que você era casada.

Agora sabe.

Nesse dia mesmo, na cama, ela repete, casa comigo de verdade.

Ela se chama Paula. Então, ele por cima dela, ou ela por cima dele, ela diz mais uma vez de olhos abertos, por que a gente não se casa de verdade? Ele responde, eu também sou casado. Meu nome é Roberto.

Naquela noite de fim de ano em que se conheceram, o marido de Paula estava adoentado e insistira para que ela fosse ao réveillon sozinha. E a mulher de Roberto também estava adoentada e insistira para que ele fosse ao réveillon sozinho.

Isso é mais do que acaso, meu amor, diz Paula.

CARTA DE ROBERTO

Combinamos fugir para Paris, onde ficaríamos escondidos fodendo e vendo filmes. Estávamos muito desesperados naquele tempo. Em Paris me despedi de você e invadi a pista do aeroporto e joguei-me debaixo do seu avião. Muita paixão. Eu acordava pensando em você. Quando acordava, pois sempre ficava de olho aberto a noite

inteira, pensando, pensando, pensando em você, o dia inteiro pensando em você, me alimentando da sua fome.

3

Afinal ela diz: Não aguento mais. Pensei que isso ia diminuir, essa ânsia, mas só está aumentando. Por que a gente não casa de verdade? Na cama, além de, por que a gente não casa de verdade e eu quero ter um filho teu, ela passa a dizer, por que a gente não foge?

Um dia ele responde que não quer ferir os outros.

Ela é jovem. Em pouco tempo arranja um novo amor. Isso eu tirei do filme que nós vimos.

Lembra quando eu te disse que era um homem rico? Quem é rica é a minha mulher. Não quero viver às tuas custas.

Não quer viver às minhas custas mas vive às custas *dela*.

Com você é diferente.

Diferente como?

Diferente.

Paula fica pensativa. Mas não pensa na resposta dele. Já saberemos o que ela pensa. Enquanto isso, outra carta de Roberto:

CARTA POÉTICA DE ROBERTO

Ver raiar o sol seria alguma coisa interessante, mas não foi. Pensei em ler um livro, ou ver um filme, mas o que queria mesmo era o mel, a rosa vermelha do corpo branco. O mel não, o sal; o sal não,

o sangue. Mas antes nos viramos pelo avesso, quebramos as mesas, voz, saliva, porra, ar sorvido, aroma das escuras frinchas do seu corpo branco, que tem vergonha de dançar na frente do homem com o pau cheio de cicatrizes. Ferro e fogo no coração e na cabeça, uma fúria cada vez maior. Que boa é essa carne que mordo e corto com os dentes; e agora mastigo e engulo e mordo mais, e mais, e mais, e engulo. E a fúria continua. O sol, a lua, essas coisas não existem. Só há o que mordo, mastigo e engulo.

Tenho que te contar uma coisa. (Aquilo que ela queria contar quando ficou pensativa.) Quando eu disse que era rica, na verdade devia ter dito que meu marido era rico.

Ficam calados. Sentam-se na cama.

Comprei estes sapatos na Itália, ela diz. São bonitos?

São.

A gente podia morar na rua Desembargador Isidro.

Eu arranjo um emprego.

Você já trabalhou alguma vez? Sabe onde fica a rua Desembargador Isidro?

Não. Mas não é difícil.

O que não é difícil?

Trabalhar.

Foi o que eu pensei.

O meu pai me sustentava. Uma época ele me sustentou enquanto eu morava em Paris.

Melhor lugar do mundo para andar pelas ruas e ir ao cinema.

Meu pai morreu cheio de dívidas. Fiquei morando na casa do meu irmão. Então meu irmão morreu.

E sua mãe?

Também morreu.

Alguma coisa genética?

Minha mãe caiu de uma escada. Meu irmão levou um tiro num assalto.

E o seu pai?

O meu pai?

Sim. O seu pai.

Ele se matou.

Então se nós tivermos um filho ele pode nascer perfeito.

Pode.

Que bom. Quanta desgraça. Posso ter pena de você?

Não gosto que tenham pena de mim.

Nem eu?

Principalmente você.

Então novamente, ele por cima dela ou ela por cima dele, ela diz, casa comigo; eu quero ter um filho com você; vamos fugir para a rua Desembargador Isidro.

CARTA DE ROBERTO

Dia e noite, noite e dia, e nos intervalos, pensando em você. Vejo o seu rosto na cara da Ginger dançando com o Fred e em todos os sonhos que esqueço de manhã; e vejo na lua, e no espelho, e no sol que faz arder a mácula e o coração; e na asa do passarinho vejo o seu rosto, e na folha da árvore vejo o seu rosto e vejo você

inteira em todo lugar, principalmente na maior escuridão. Os sons que ouço são os seus, você é Beethoven, é Mozart; e ouço a sua voz na buzina do automóvel, na sirene da polícia, na algazarra dos ninhos de andorinhas dentro da lareira. Não tem pílula para isso, diz o dr. Goldblum, você está fodido, ainda que bem-pago. Antigamente eles iam lhe fazer uma sangria, antes da camisa de força, colocar sanguessugas e ventosas em seu corpo, antes da camisa de força, iam lhe arrojar jatos de água gelada, antes da camisa de força, e não ia ajudar em nada. E mesmo eletrochoque e lobotomia não iam ajudar em nada, nem assim essa mulher sairia do seu sangue. Você ainda não entendeu? Ponha isso na sua cabeça, você está fodido, disse o dr. Goldblum.

O dr. Goldblum tem razão. Depois que o seu irmão morreu você casou e foi morar com *ela*? Não me diga o nome.

A nossa família tem, tinha um nome importante. A *dela* não.

Foi um negócio.

Não exatamente.

Você gostava *dela*?

Gostava. Agora não gosto mais. Agora só gosto de você.

E os burgueses da família *dela* que compraram o seu pedigree não se incomodaram com as mortes todas?

O suicídio?

Sim. O suicídio.

Ninguém soube que era suicídio. Pensaram que era um acidente, que o carro caiu no precipício por imprudência, imperícia.

Nós rasgamos a carta de suicida do meu pai. Mas eu me lembro o que ela dizia: Não aguento mais.

Como foi que a família *dela* ganhou dinheiro?

O avô ganhou o dinheiro.

Devia ser contrabandista. Duas gerações não limpam o dinheiro.

O que limpa o dinheiro?

Nada. A pobreza, talvez.

Paradoxo de Epimênides. Um rico só é bom se for pobre.

Meu marido tem uma saúde de ferro.

Minha mulher tem uma saúde de ferro.

No fim de semana vamos para Angra.

Antigamente os ricos iam para Petrópolis. Em Petrópolis você podia ter uma piscina, um jardim, cavalos. Agora os ricos vão para Angra. Em Angra você pode ter uma piscina, um jardim, cavalos, praias, lanchas, iates, veleiros. Tem o mar. O mar.

Meu marido diz que um iate só serve para o Imposto de Renda ficar de olho na gente.

Como foi que *ele* ficou rico? Começou com o avô?

Com o pai.

Quem devia ter se casado com a minha mulher era *ele*.

E eu com você. Mas *ele* não quer casar com outra pessoa. *Ele* quer casar comigo.

E a minha mulher quer casar comigo.

Não adianta apresentar um ao outro.

Você é casada em comunhão de bens?

Sou. E você?

Também.

O que a gente vai fazer?

Você está pensando o que eu estou pensando?

Estou.

Exatamente o que eu estou pensando?

Acho que sim.

É horrível!

Qual? Diz o nome.

Eu estava pensando em fazer um sorteio.

Não tinha pensado num sorteio. Mas é uma boa ideia.

Nós estamos completamente loucos.

Estamos completamente loucos. Em quem você pensou?

Pensei *nela*. Acho que vai ser mais fácil.

E você deve ter conexões com o baixo mundo, afinal seu irmão foi assassinado por um bandido.

Uma sobremesa sem queijos é igual uma bela mulher sem um olho.

O que isso tem a ver?

Nada.

É de algum filme?

É do Brillat-Savarin. Não sei como surgiu.

Vou escrever neste pedacinho de papel *e/e* e neste pedacinho de papel *e/a*. Pronto. Agora dobro e dobro, e embaralho. Você escolhe.

Eu? Isso é uma loucura.

Isso é uma loucura. Vamos esquecer tudo isso. Me ensina a beijar com os olhos abertos.

Você fica vesga. Está vendo?

Então na hora em que ele ficou por cima dela, ela disse, casa comigo de verdade, e na hora em que ela ficou por cima dele, ela repetiu de olhos abertos inteiramente vesga, casa comigo de verdade.

CARTA DE PAULA

Segunda-feira

Você me transformou numa adoradora maluca. Acabo de receber os CDs envoltos num plástico da Horta Zona Sul, Tudo Para Você Gostar da Gente, e isso me despertou um interesse enorme pelo dono da Horta Sul, pelos vendedores, as cenouras, a rua, as máquinas registradoras, tudo. Eu admitiria ser a empacotadora de mercadorias da Horta, ser as meninas do correio, a gaveta do seu armário, os porteiros, o seu cachorro, só para ter essa intimidade com você, poder vender cenouras para sua casa, ficar exposta numa saladeira e consertar seu liquidificador.

Fui deselegante insistindo naquela história do sorteio. Não falamos mais sobre isso.

Hoje o dia está lindo, mas alguma coisa, em algum lugar, está sangrando. Não consegui encontrar nenhum eu te amo na sua carta, talvez seja isso.

An Affair to Remember, você viu?

Olha aqui, fodedor, você pode parar com essa história de feliz Natal porque eu não sou idiota. Feliz Natal o caralho. E também não suporto essa história de dia sim, dia não. E também não me interessa se você levou um tiro, eu também levei um tiro, bem aqui, do lado esquerdo, as maçanetas da minha casa estão sujas

de sangue, todo mundo aqui levou tiro, então pare com essa história e cuide mais da sua namorada.

Nos telefonemas tinha ficado bem claro que a gente ia namorar mais. E dar mais risada. Agora você me larga aqui sozinha, com as baratas.

Você pode dizer que esse é o meu lado solar, que sou cafona, o diabo, mas adoro ficar deitada no chão lembrando da gente, você cuspidando na minha boca, você quase chorando de arrependimento porque eu estava toda roxa. Eu me lembro de como é bom quando você entra no meu corpo, me lembro de todos os dias.

Não me acostumo com você. Você fala alô, meu coração fica apavorado. Estou sempre apavorada, com medo das outras mulheres. Você é o meu amor. Hoje estou muito triste. A minha vida fica uma merda sem você, eu tirei isso do meu próprio filme. Volte logo. Eu te amo. E você nem sabe mentir, não pensa que engoli essa história de andarilho. Andarilho o caralho.

Toda vez que eu acabo de falar com você no telefone vou correndo para o espelho para ver se não estou com a cara de Meryl Streep. Da última vez senti um gosto doce na boca, meu cabelo quis ser louro, então prometi parar de perguntar 180 vezes se você me ama, se você não vai me abandonar, se essa coisa boa não vai acabar. Eu prometo, está bem? Acho uma merda a gente não se encontrar todo dia, justo agora que eu fiz essa promessa não vou poder provar que sei ser uma namorada bacana.

O seu beijo é especial porque:

- 1. você faz uma coisa deliciosa que é passar a língua nos meus dentes;*
- 2. quando estamos deitados, você sobre mim, você aspira o hálito da minha boca, sorve o ar de dentro do meu corpo, como se haurisse a minha alma;*
- 3. o seu beijo não tem pausas, é longo, é muito bom ser sua namorada. Ou melhor, sua mulher, a gente se casou, não é verdade? Eu te amo, eu te amo, eu te amo.*
Por que a gente não se casa de verdade?

Eu não tenho cachorro. Nem liquidificador.

Liquidificador todo mundo tem. Você é que não sabe. Eles não fazem sopa na sua casa?

Onde estão os papezinhos com os nomes?

Joguei fora.

Faz outros.

Ela preparou os papéis. Embaralhou, ele escolheu.

Ela.

Já vi mil filmes com isso, mas não me lembro de um que tenha terminado bem.

Contrata alguém.

Que tal aquele sujeito que telefonou e disse sorry, wrong number?

Ela está doente, de cama?

Nunca fica de cama.

Uma saúde de ferro.

É isso.

Pode ser outro filme, não precisa ser Litvak.

Vamos pensar. Se eu lembrar de algum eu te digo, se você lembrar de algum você me diz.

Então, na cama, na hora em que ele ficou por cima dela, ela disse, casa comigo de verdade, e na hora em que ela ficou por cima dele, ela repetiu de olhos vespós abertos, casa comigo de verdade.

4

É difícil encontrar alguém para consertar a pia, encontrar alguém para arrumar os livros nas estantes, encontrar alguém para colocar palhinha na cadeira furada, encontrar alguém para lavar os tapetes. Encontrar alguém para matar a sua mulher é ainda mais difícil, quase igual a encontrar um sujeito confiável para fazer o seu Imposto de Renda.

Eu sei. Tem uma cadeira Maria I furada lá em casa há mais de um mês.

Acho que eu mesmo vou ter que fazer isso. Uma porção de gente já fez isso. Todo dia tem um sujeito fazendo isso.

É uma loucura. Nós dois estamos loucos.

Estamos loucos.

Vamos dizer ao mesmo tempo: estamos loucos!

Estamos loucos!

Como é que vai ser então?

Lembre-se do seu irmão. Você pode usar o mesmo M.O.M.O.?

Modus operandi. M.O., M.O.A., já o esqueceu dos filmes em que viu isso?

Meu irmão foi morto na rua. Na rua não dá.

Por que não?

Ela não anda na rua.

Não vai ao supermercado? Que Horta Zona Sul era aquela?

Um mercado sem estacionamento.

O Carrefour tem um estacionamento enorme. Vocês têm dois carros, como todo mundo. Você a segue, emparelha o carro com *ela* no estacionamento, dá um tiro nela e vai embora.

Ela me disse que estava com vontade de ir ao Carrefour. Comprar um cogumelo francês.

Deve ser italiano.

TELEFONEMA

Quando vai ser?

Hoje. O cogumelo é francês.

Não. Não. Tenho uma coisa para te dizer.

Então diz.

Pelo telefone não. Essas linhas vivem cruzadas. Alguém pode estar ouvindo.

Eu estou grávida.

De mim?

De quem poderia ser, seu pamonha? Por que você acha que nós não tivemos filhos? *Ele* é estéril.

O que você pensa fazer?

Ter o filho. Sempre quis um filho teu. Mas se eu tiver um filho teu *ele* me mata. E não está nos nossos planos um de nós morrer.

Então?

Então? Então? Poxa!

Poxa o quê?

Poxa, tem que ser *e/e*, e não *ela*.

Eu já tinha tudo planejado. Já tenho o revólver.

Planos são feitos para serem abandonados. Tirei daquele filme sobre o Confúcio.

Mas *e/e* te mata mesmo?

E/e é louco por mim.

Entendo.

Você gosta deste meu penteado?

Gosto. Por que a gente não deixa tudo como está? Nós somos felizes, não somos felizes? Da maneira que está.

E o filho?

Que filho?

O nosso filho que está aqui dentro. Pega aqui. Está aqui, apertada.

Você está mais magra.

Não como nada. Não durmo. Vou virar um esqueleto e o meu filho é que vai sofrer.

Como é que vai ser então?

Igual nesse filme da TV a cabo que eu vi.

Um filme da TV a cabo?!

Qual é o problema? Eu vejo filme da TV a cabo. Você não vê?

Claro que não. Perto da minha casa tem uma loja de vídeo que fica aberta a noite inteira, no posto de gasolina.

A noite inteira?

Quase. Como é que é o filme?

A mulher dá a chave da casa para o amante, ele entra na casa e mata o marido. O velho truque do assaltante. Você já tem o revólver.

Vamos dizer ao mesmo tempo, nós estamos loucos.

Nós estamos loucos!

Isso dá um alívio, não dá?

Nós estamos loucos!

Dura pouco o alívio.

Nós vamos para Angra amanhã.

Nós vamos para Petrópolis.

Você tem jardins, piscina e cavalos?

E um gato.

Dirige com cuidado. Agora que temos um plano e o arco-íris abriu ali na frente não quero que aconteça nada com a gente.

Não se preocupe. Não ando a mais de cem e só ultrapasso quando não tem nenhum carro na minha frente.

O dia dele em Petrópolis:

No sábado, churrasco às seis da tarde. Enquanto é preparado o churrasco, feito por um churrasqueiro contratado, os convidados ficam à beira da piscina bebendo cerveja, vinho branco, caipirinha e comendo salgadinhos, uns tomam banho, outros falam da lady Di e do príncipe Charles. Roberto se retira para um canto e fica calado pensando em Paula e no que vai fazer. Viver é difícil, ele recita quando alguém chega perto, e como isso acaba se tornando uma chatice ninguém mais chega perto dele. Na hora do churrasco as pessoas, sofrendo a influência das bebidas que ingeriram,

aumentam o tom da voz, dão gargalhadas e falam mal da lady Di. Ele continua calado e sozinho, murmurando que a vida é difícil.

O dia dela em Angra:

Ela e os convidados velejam, tomam champanhe, passam creme solar no corpo, repetem que a baía de Angra é o paraíso e falam do príncipe Charles e da lady Di. Como só há champanhe no barco, depois de algum tempo os homens, *e/e* também, como se tivessem combinado, dizem, em várias ocasiões, que estão com tanta fome que são capazes de comer um boi inteiro. As mulheres discutem se champanhe engorda e dá celulite e reclamam que Paula está muito calada. No fim da tarde voltam para o cais privativo e Paula diz aos convidados que está na hora de eles comerem o boi inteiro e vão para o jardim dos fundos da casa, onde um churrasco acabou de ser preparado. E todos comem o boi, dão gargalhadas e falam mal da lady Di.

Como a vida parece um filme, esse se assemelha a um daqueles filmes de Buñuel que pretendem mostrar que a burguesia é estúpida, narcisista, consumista e hedonista.

5

O melhor dia é o dia do aniversário *dele*. *Ele* sempre bebe muito e vai para a cama quase inconsciente. Piece of cake, como naquele filme.

Você tem certeza?

Mole.

Quando é?

Depois de amanhã.

Está em cima.

A chave maior é a do portão. A menor é a da porta da frente. Se a gente morasse num prédio de apartamento com o porteiro não ia dar jeito.

Morar numa casa tem suas vantagens. Estou fazendo piada de nervoso.

Fiz uma planta da casa para você. Te contei que me formei em arquitetura?

Não.

Não exerci a profissão por causa do casamento.

A mulher sempre para por causa do casamento.

Ainda bem que você sabe disso. Olha, você entra por essa linha pontilhada. Isto é uma escada. Você sobe a escada, o nosso quarto é o primeiro do lado esquerdo. A porta nunca é trancada. Você ainda me ama? Não vai me abandonar nunca? Não diminuiu nada?

Aumentou.

Jura?

Juro.

Quer me ver morta?

Quero te ver morta se não for verdade que eu te amo mais do que amava quando — quando, quando?

Quando você voltou de Paris.

Quero te ver morta se não for verdade que eu te amo mais do que amava quando voltei de Paris.

TELEFONEMA, NA MANHÃ DA
VÉSPERA DO ASSASSINATO

Olha, aquilo está cancelado.

Aquilo o quê?

Seu pamonha. Só existe um aquilo na nossa vida no momento.

Ah!, sei, você quer dizer —

Olha a linha cruzada!

Sei, sei, aquilo.

Vamos nos encontrar amanhã e eu te conto tudo. Você entendeu?

Entendi. É para jogar a chave fora.

Isso.

Anteontem, no dia em que nós nos encontramos aqui, de tarde, *e/e* chegou em casa e disse que tinha uma coisa muito séria para me contar. Prepara um uisquinho pra nós e senta aí, *e/e* disse. Eu preparei as bebidas e nos sentamos na sala e *e/e* disse, nem sei como começar. Começa pelo fim, eu disse, não é assim que você fala com seus auxiliares quando eles te procuram para te dizer alguma coisa? Isso não dá para começar pelo fim, tem que ser pelo princípio, o princípio foi esse plano econômico cretino do governo. Quando o governo anunciou o plano, duas coisas podiam ser feitas por nós, financistas: ficar na encolha ou partir para a ação. Ficar na encolha era muito arriscado, o dólar ia valer menos que o real, tudo podia acontecer, eu podia perder tudo. Partir para a ação pelo menos garantia que se não ganhasse também não perdia. Mas eu

tinha que correr para ficar no mesmo lugar. Aquela coisa da Alice. Então comecei a correr como um louco. Eu e todo mundo. Prepara outro uísque, *e/e* pediu. Preparei mais dois uísques. Dois anos se passaram, *e/e* continuou, e eu correndo como um louco. E sabe o que aconteceu? Não, eu disse, mas começo a ter uma ideia.

Aconteceu que eu andei para trás, como um caranguejo esdrúxulo. Como é um caranguejo esdrúxulo?, perguntei. Um caranguejo esdrúxulo é um caranguejo dotado da motilidade de um coelho, *e/e* disse; *e/e*, não sei se eu já lhe disse, acha que diz coisas engraçadas. Estamos arruinados, *e/e* continuou, o banco vai ser fechado, esta casa está hipotecada, a casa de Angra está hipotecada, o iate está hipotecado, o BMW está hipotecado. Os dois?, perguntei. Não, *e/e* explicou, por enquanto só o seu, acho que vou dar um tiro na cabeça.

O que você disse?

Perguntei: e os depósitos na Suíça?

Evanesceram, *e/e* respondeu. O que exatamente *e/e* quis dizer com isso eu não sei. A informática está mudando a semântica.

Você tirou isso de algum filme?

Não. Isso é meu.

E/e vai dar um tiro na cabeça?

Não. Ninguém dá um tiro na cabeça por causa de dinheiro, seu pamonha.

E agora?

Então eu disse a *e/e* que estava muito desapontada com a falta de confiança em mim que *e/e* demonstrara naquele episódio todo, que *e/e* criara uma barreira intransponível entre nós, que eu

precisava de um tempo para pensar e que enquanto isso eu ia sair de casa. Sabe qual foi a reação *dele*?

Ele disse, você só sai daqui morta.

Não. *Ele* disse, você vai para onde? Para a casa da sua mãe?

Tranquilo?

Tranquilo. Na verdade até pareceu satisfeito por se ver livre de mim. Então eu fiz a mala enquanto *ele* ficava bebendo uísque na sala. Com uma maleta na mão eu disse, tchau vou para a casa da minha mãe. *Ele* no meio de um gole respondeu tchau e eu fui para a casa da minha mãe.

Onde é a casa da sua mãe?

Na rua Desembargador Isidro.

Vivendo e aprendendo.

Nossa temporada em New York para assistir ópera tem que ser cancelada.

Se a gente fingir de cego só paga sete dólares de entrada.

Mas não vê o palco.

Family circle.

É isso aí. Eu levei o BMW comigo. Fez um grande sucesso na rua Desembargador Isidro. Minha mãe está arrasada.

E agora?

O plano continua. *Ela*, a sua mulher, agora, é a, o —

Alvo.

Isso.

Quem vai apertar o gatilho?

Quem vai apertar o gatilho? Eu não posso entrar na sua casa como se fosse uma ladra.

Não tem coragem?

Eu te amo tanto que tenho coragem de matar qualquer um. Até mesmo você. Você comeu a Gildinha? Eu te mato se você comer outra mulher. Mato mesmo.

Roberto mostra o revólver a Paula.

Ele é preto, como nos filmes. A pobreza mata o amor?

Já imaginou frequentar restaurantes em que não é preciso fazer reserva?

Mas nós só comemos sanduíche de queijo quente e coca diet.

No motel, aqui no Rio. Em Paris foi assim? Vamos continuar a ter Paris?

Em Paris passam todos os filmes.

Escargot, ostras, champanhe, Beaujolais no-vís-si-mo.

Fazer compras sem perguntar antes o preço.

Nem antes nem depois. Apresentar o cartão e assinar sem ver.

A verdadeira borra é perguntar o preço antes. Me dá o revólver. Depois a gente combina quando e como.

6

Roberto e Paula não puderam se ver, por motivos logísticos, durante dez dias. Então, inesperadamente, se encontram numa festa. Ambos estão com os respectivos cônjuges. São apresentados uns aos outros pela anfitriã da festa.

Ele é assim: um gordo sólido, simpático, melancólico, overmelancólico. O nome *dele* é Alfredinho. *Ela* é também gorda

sólida, simpática, afável. O nome *dela* é Lúcia. Uma conjuntura inescapável deixa os quatro ilhados num canto.

E a crise. Pegou você?

Ainda não, Alfredinho.

O Brasil não tem jeito. Mas o negócio é bola pra frente.

Um cenário spengleriano.

Isso.

Melhor se fosse spielberguiano.

Minha mulher é louca por cinema.

Como seria o mundo se não houvesse cinema?

Horrível.

Vocês podiam passar um fim de semana com a gente em nossa casa em Angra. Você joga tênis?

Agora prefiro nadar. Tênis elbow.

Isso é péssimo. O tênis é um esporte gregário, natação é uma coisa solitária. Eu tenho um ótimo fisioterapeuta. Curou o meu tênis, não foi Paula?

O seu elbow.

O Roberto jogava muito bem.

A Lúcia está exagerando.

E golfe?

Acho chato.

Tudo o que ele não faz direito ele acha chato.

Não é verdade. Eu não jogo polo direito e não acho chato.

Você joga polo? Eu sempre quis aprender a jogar polo.

E por que não aprendeu?

Nem sempre a gente aprende as coisas que quer aprender.

Eu queria aprender a tocar piano.
Pois eu queria aprender a sapatear.
A Licinha — você conhece a Licinha?
Aprendeu em New York. Eu sei.

Roberto

Eu voltei para o Alfredinho com pena dele. Eu ia dizer para você mas não tive oportunidade. Ele foi lá na Desembargador Isidro chorando e eu fiquei com o coração doendo e minha mãe também ficou com pena dele e me disse, você vai deixar o seu marido agora que ele ficou na miséria? Eu me senti mal com isso. Mas nós não temos nada um com o outro, estamos dormindo em camas separadas, em quartos separados, eu fui para o quarto com janela que dá para a magnólia. Eu disse a ele que ia ajudá-lo a atravessar esta fase e que não era mais mulher dele, que agora era irmã e ele aceitou essa situação, disse que bastava eu estar ao lado dele para ele se sentir feliz. Me perdoe, estou morrendo de saudades, morrendo de tesão, quero você dentro de mim, vamos nos ver na próxima quinta-feira, estou morrendo de paixão, não faz isso comigo. Você não me disse que jogava polo. O que mais você está escondendo de mim? Eu te amo.

Não tira a roupa, não, irmã Paula. Vamos conversar.

Você está bravo comigo?

Não.

Que conversa mais chata aquela. Você joga polo? *Ela* quer aprender a sapatear, cenário spengleriano, nhenhém. Por que será

que as pessoas nas festas só dizem besteiras?

O teu cenário spilberguiano foi pior. Você sabe quem é Spengler?

Você está bravo comigo.

Ter peninha do sujeito que nós íamos matar!

Você está mesmo bravo comigo.

Não estou, bolas. Mas pensei muito. Alguém precisa morrer para o nosso amor continuar vivo?

Que filme é esse?

O nosso filme, que ainda não foi feito.

Deixa eu te dar um beijo.

Um só.

Viu? Estou com os olhos abertos. Fiquei vesga?

Ficou.

Então deixa eu fechar os olhos. Hum, hum, teu beijo é a melhor coisa do mundo.

Então ele por cima dela, ou ela por cima dele, ela diz, o nosso filho está crescendo aqui dentro, tudo vai dar certo, é só termos um pouco de paciência, nós vamos casar, você vai ver, eu vou matar a Lúcia, mato até o presidente da República, isso, assim, arremete fundo, meu amor, fodedor, eu te amo.

Naquela noite Paula e Alfredinho receberam a visita do casal Hermenegildo e Rosinha Acerbi. Acerbi é o sócio principal da Corretora de Valores Acerbi. Rosinha Acerbi dedica todo o seu tempo a obras assistenciais.

Não é uma situação tranquila, mas também não é desesperadora. Em números absolutos.

As cassandras são eternas.

Sempre foram, Hermenegildo.

As coisas devem ser vistas com frieza e objetividade.

Concordo. O que acabou com o Penido foi pânico.

O pânico do Penido.

Parece um filme.

A Paula é louca por cinema. Vê um filme por dia.

Eu adoro cinema mas não tenho tempo pra ir ao cinema, mal dá tempo para ver a novela.

Por que você não faz como eu? Pega um vídeo. Pode ver a qualquer hora, de dia, de noite, de madrugada.

De dia eu estou na obra. À noite estou tão cansada que logo depois do telejornal e da novela eu durmo. Novela é uma coisa boba mas descansa a gente.

A Rosinha vê, mas eu não suporto telejornal. Só tem sequestro, tráfico de drogas, greves, desastres, um circo de horrores, toneladas de grãos apodrecendo nos armazéns do governo, corrupção no governo, nepotismo no governo, medidas do governo para atrapalhar aqueles que querem trabalhar. Tem governo demais na nossa vida. Como podemos fazer o Brasil crescer se eles não deixam?

A Constituição tem que ser revista.

A gente precisa saber o que está acontecendo no mundo.

Minha cara, no mundo está sempre acontecendo a mesma coisa. Igual no Brasil.

Eu sei, Paula.

É preferível ler os horrores de manhã do que ver ao vivo e a cores à noite.

Sei que a sua empresa, desculpe mencionar isso, está enfrentando dificuldades devido a uma das últimas Medidas Provisórias decretadas pelo Presidente.

Tem que correr para ficar no mesmo lugar, Alice.

É verdade. Você tinha... negócio no exterior...?

No exterior?

Alfredinho pede licença, dizendo que se lembrou de uma coisa urgente, e sai da sala.

Nossos recursos vêm de doações de empresas, basicamente. Você não gostaria de colaborar com a Obra?

Eu já me comprometi com os índios.

Índios?! Paula, os índios estão ricos, cheios de terra.

Nem todos, Rosinha.

Alfredinho volta.

Paula, você viu um envelope pardo?

Pardo?

Pardo. Comprido. Querida, todo mês chega um envelope pardo comprido para mim. Você é pouco observadora.

Não vi, Alfredinho.

Já devia ter chegado. É da imobiliária.

Imobiliária?

O Penido pensou em se matar.

É mesmo? Quem lhe disse isso?

Quem foi mesmo que me disse isso, Paulinha?

Não sei. É a primeira vez que ouço falar no assunto. E eu nem conheço o Penido.

Como que você não conhece o Penido? Aquele alto, careca. Você foi apresentada a ele na casa do Príncipe.

Não me lembro. Que imobiliária?

O Penido é uma vítima. Um mártir.

Os Acerbi vão embora.

Paulinha, eu preciso que você assine estes papéis.

Paula lê os papéis.

Pode ler, não tem nada secreto.

Mas a gente tem dinheiro na Suíça?

Uma ninharia. Mal dá para comprar um carro. Eu também estou assinando, me dá a caneta, em caso de morte, se eu morrer, e eu lhe digo uma coisa, eu estou com vontade de morrer... esse restinho, que não vale nada mas sempre dá para comprar um carro, vai para você.

7

No motel.

Roberto, que bom que não vamos ter que matar ninguém. Nós não vamos mais matar ninguém, vamos?

Não.

Então entra dentro de mim. Quero sentir o teu pinto entrando dentro de mim.

Pinto?

Caralho, pau, isso, vai enfiando, que sensação maravilhosa você entrando dentro de mim, me beija, diz que adora foder comigo.

Adoro foder com você.

Estou gozando, Roberto, ai, um lago dentro de mim, paz, parece que morro.

Gosto de ver o seu rosto neste momento. Você fica diferente.

Diferente?

Iluminada.

Que filme é esse?

Uma luz fosca.

Luz fosca?

Radiância.

Radiância fosca?

Você fica mais bonita.

E o meu nariz?

Toda mulher bonita tem nariz grande.

Você quer dizer que fico menos feia nessas horas.

Você é a mulher mais bonita do mundo.

Você já está com essa coisa dura de novo? Fodedor!

TELEFONEMA (Há já algum tempo eles deixaram de escrever cartas um para o outro)

Quando saí ontem de casa para fazer compras, um sujeito me seguiu o tempo inteiro, de maneira disfarçada, não era um desses idiotas tímidos que seguem as mulheres na rua, eu já fui seguida

várias vezes e sei como é isso, esse sujeito não queria que eu o visse. Estou preocupada. Acho melhor não nos encontrarmos na segunda-feira, tenho medo de que ele nos siga até o motel.

Você tem certeza?

Plena certeza.

Como que ele é, o sujeito que te segue?

Não sei. Ele está sempre com um capacete preto de motociclista na cabeça. Ele tem uma motocicleta. Foi isso o que chamou a minha atenção.

Inspetor Clouseau.

Acho que isso pode ter uma ligação com uma coisa que eu descobri. Lembra aquele papel que eu assinei?

Que papel?

Eu te contei, o papel que o Alfredinho me pediu para assinar.

Você não me contou nada disso.

Contei.

Não contou.

Então vou contar. Os Acerbi tinham acabado de sair, quando —

Os Acerbi?

Eu não te contei?

Não contou.

Os Acerbi foram jantar lá em casa e logo depois que eles saíram o Alfredinho chegou para mim e disse, Paulinha, eu preciso que você assine estes papéis. Eu devia ter ficado desconfiada, ele só me chama de Paulinha quando quer alguma coisa de mim. Comecei a ler os papéis e ele disse, pode ler, não tem nada secreto. Era uma declaração feita em inglês com uma terminologia

jurídica que eu não entendi bem que dizia que a conta suíça, no caso de impedimento ou morte de um dos titulares, poderia ser operada por apenas um deles, algo assim. Eu perguntei, mas sobrou da débâcle algum dinheiro na Suíça?, e ele respondeu que tinha ficado lá uma ninharia que dava para comprar um carro, e que se ele morresse eu poderia movimentar esse dinheiro. O que você acha disso? Eu nem sabia que era titular da conta suíça.

Você assinava papéis referentes a essa conta antes?

Eu sempre assinei todos os papéis que o Alfredinho me dava para assinar, mas nunca lia o que era. Os negócios eram dele, ele é que cuidava de tudo.

Ele falou, em caso da minha morte?

Minha, dele. Falou.

Ele está doente?

Continua com uma saúde de ferro. Não pega resfriado.

Ele não se referia à morte dele.

Não estou entendendo.

Era a tua morte.

Minha?

Que estranha coincidência!

Coincidência?

Enquanto tramávamos a morte dele, ele tramava a tua morte. Esse cara que está te seguindo é um assassino profissional.

Nós tramamos a morte dele há meses e ele só pediu para eu assinar os papéis ontem.

Uma coincidência não justaposta, coincidência apenas como identidade de propósitos.

Às vezes eu penso que você é maluco, falando igual a um professor de português numa hora dessas. Não posso imaginar Alfredinho querendo me matar.

Você acha que Alfredinho podia imaginar você querendo matar ele?

Este assunto não dá para conversar pelo telefone. Tem também a história do envelope pardo. Todo mês chega aqui em casa endereçado a ele um envelope pardo, sem identificação.

O selo é de onde?

Não sei.

Esse assunto não dá para conversar pelo telefone.

Eu falei primeiro. Teve um filme assim, não teve?

Um monte. Tem mais filme de marido querendo matar a mulher do que de mulher querendo matar o marido.

Como seria o mundo se o cinema não existisse?

O filósofo Adorno disse, por mais que eu me esforce sempre que saio do cinema me sinto mais tolo.

Imagina se ele entrasse num supermercado.

Você consegue despistar o teu assassino?

Não sabemos se ele é um assassino.

Vamos chamá-lo de assassino, na falta de nome melhor. Uma hipótese estratégica.

Você é engraçado. Eu te amo. Estou morrendo de tesão, com o seu filho na minha barriga.

Olha a linha cruzada! Você consegue despistar o cara ou não?

Consigo.

No motel, no centro da cidade.

Eu peguei um táxi, ele me seguiu de motocicleta. Fui para o shopping Rio Sul, aquilo é um mundo, entrei pela porta da frente e fui correndo até aquele portão do lado e peguei outro táxi e fui para Copacabana e peguei outro táxi e vim aqui para o nosso paraíso. O assassino não podia largar a motocicleta em qualquer lugar, perdeu tempo. Deve estar enrolado me procurando nas escadas rolantes. Me dá um beijo, ai que saudade.

Deitam-se vestidos e se abraçam com ardor — Roberto sempre admirou o desprezo de Paula pelas suas roupas caras nesse momento de paixão, beijam-se, ele de olhos abertos, ela de olhos fechados, Roberto morde as bochechas de Paula, abraça o corpo dela como um urso, ela abre caminho para que ele entre no corpo dela, meu amor, diz que adora foder comigo, rolam pela cama larga, ele fica em cima, ela fica em cima, diz que me ama, ele diz tudo o que ela quer que ele diga, e quando ela goza o corpo dela languesce em paz, e quando ele goza um trem de ferro passa por cima dele e ele urra como um animal ferido de morte.

Depois eles tiram as roupas que sobraram nos corpos e ficam nus.

Tua barriga não está crescendo.

Isso não quer dizer nada.

Como que não quer dizer nada?

Minha menstruação não veio.

Você está enjoada? Você fez o exame?

Uma mulher sempre sabe quando está grávida.

Você tirou isso de que filme? Faz o exame.

Temos coisas mais importantes para fazer. Foi um erro desistir de matar meu marido ou matar sua mulher. Este é um momento de decisão: temos que matar meu marido, matar sua mulher, escapar de um assassino.

Isso, sim, é cinema.

Encontrei o envelope pardo!

Não custa nada fazer o exame.

Você não ouviu? En-con-trei-o-en-ve-lo-pe-par-do!

Conta tudo.

Dentro tinha um extrato da conta de Alfredo de Almeida e Paula Freitas no Barclays no total de três milhões, trezentos e setenta e sete mil e setecentos dólares. A conta da Suíça é na Inglaterra. Eu devia desconfiar, Alfredinho tem mania de Inglaterra. Só compra sapato na Inglaterra.

Por que você não usa o nome do seu marido?

Porque não quero.

Há mais coisas que não sei a seu respeito?

Meu pai era maçom.

O que mais?

Meu diploma da faculdade é falso. Todo mundo estava comprando, eu comprei também.

O que mais?

Às vezes finjo que gozo.

Por quê?

Porque sempre que eu digo estou gozando você goza.

Adoro ver você gozando, o trem passando por cima de você.

O gozo é um acidente de percurso. Não o valorize. O que mais?

Mais nada. Ah, gosto de música sertaneja.

O que mais?

Agora acabou mesmo. Que coisas eu não sei a seu respeito?

Meu pai se matou.

Isso eu já sei.

Odeio Hitchcock.

Não brinca! Jura?

Juro.

Você disse que gostava.

Você é fissurada no cara, achei que me abandonaria se eu não gostasse dele.

Nem *Rear Window*?

Nem *Rear Window*.

Isso é um choque.

Desculpe.

O que mais?

Comi aquela loura.

Depois que me conheceu?

Não, não foi bem exatamente depois...

Um homem tergiversante é pior que um homem mentiroso.

Você tirou isso de que filme?

Se não foi bem exatamente depois, não foi bem exatamente antes. Foi bem exatamente quando?

Na zona limítrofe. Há uma diferença, sutil, é bem verdade, entre exatidão, precisão, acurácia. Todas as demarcações — de tempo, espaço, território — têm uma área que se chama, se chama...

Terra de ninguém. Papo furado. Você tirou isso de que filme? Olha aqui, seu pamonha, se você fizer isso de novo, se for andar na terra de ninguém, eu te mato.

Pode matar. Eu não quero saber de mulher nenhuma. Se a Lillian Gish se ajoelhar na minha frente pedindo para ser comida eu não como.

O que mais?

Você é meu sol, meu ar, minha vida.

Eu te mato assim mesmo. O que mais?

Mais nada. Ah, quando eu tinha dezoito anos peguei uma blenorragia.

O que é isso?

Uma doença venérea.

Pegou com alguma puta?

Não. Uma moça de família.

O que mais?

Mais nada. Mais nada mesmo. Ah, esqueci. Na adolescência fui ator de teatro. Um grupo chamado Os Bobões. Quer ver eu imitar o James Cagney?

Já vi você imitar o James Cagney, imita outro.

Ele imita o Boris Karloff no papel do monstro de Frankenstein.

Agora me beija. Anda, vem, quero ver o trem passar por cima de você.

Paula pega um táxi à noite e vai visitar sua amiga Gildinha.

O motociclista segue Paula e Roberto segue o motociclista. Um plano engendrado por Roberto, um roteiro de filme de gângster, com situações e diálogos ensaiados no motel.

O motociclista para sua motocicleta na calçada, a pouca distância da casa de Gildinha, e fica por ali, de capacete na cabeça, apalpando a todo momento uma bolsa preta presa por um cinturão sobre a barriga.

Roberto se aproxima da motocicleta.

É sua?

Eu te conheço, ô cara?

Não. Mas temos uma coisa em comum. As motocas. É sua?

Com nota fiscal e tudo.

Nunca vi uma Harley dessas no Brasil.

Tem uma igual em São Paulo. Igual, igual não é, mas é o mesmo modelo.

Meu sonho era ter uma igual.

Não está à venda.

Você trabalha em quê?

Sou despachante.

Engraçado. Eu também.

Quebro qualquer galho.

Eu também. Vou lhe dar o meu cartão.

Roberto mete a mão no bolso. Procura.

Não achei. Mas é um cartão simples. Vou dizer o que está escrito nele. Está escrito nele: Paladino, tem revólver, pode viajar.

Já ouvi falar nisso.

Tirei daquele filme.

Que filme?

Nós estamos seguindo a mesma mulher.

Que mulher?

A de cabelos negros que entrou naquele prédio.

O motociclista tira um isqueiro e um maço de cigarros do bolso, abre a viseira do capacete e acende um cigarro. Um pouco do seu rosto aparece, marcas de uma erupção papular na pele.

Você não está sentindo calor com esse capacete?

Nunca tiro o capacete.

O Homem-elefante.

Meu nome é Gumercendo.

Você é carioca?

Sou de Juiz de Fora, mas vim pequeno para o Rio.

A Manchester mineira.

Já ouvi falar nisso. Por que você está seguindo a mulher de cabelos pretos?

Pra matar ela.

Gumercendo traga fundo a fumaça do cigarro.

No apartamento de Gildinha, Paula vai por um momento até a janela e vê os dois conversando na calçada.

Quanto estão te pagando, ô cara?, pergunta Gumercendo.

Quinhentos.

Só?

Mil.

Quinhentos mil?

Dólares. Pra não deixar traço.

Essa mulher é quente.

Mais quente do que você pensa. E você?

Eu o quê?

Quanto estão te pagando?

Cara, o mundo está cheio de gente mesquinha.

E quanto mais eles têm, mais mesquinhos eles são. Quanto?

Não posso dizer.

É tão pouco que você tem medo de dizer. Dá pra comprar uma Harley?

Não tenho medo de nada.

Tem medo de dizer que estão te pagando uma titica. É muito humilhante?

Cara, larga o meu pé.

Gumercindo acende outro cigarro. Suor pinga do seu nariz sobre a parte inferior do capacete.

Ou seja, o sujeito está te pagando uma ninharia para você matar a mulher de cabelos negros.

Eu não disse nada.

Vou deixar você fazer o serviço, depois é só cobrar. Moleza. Passe bem.

Gumercindo corre atrás de Roberto.

Vamos acabar a nossa conversa. Eu nem sei o seu nome.

Já disse. O nome é Paladino.

Olha aqui, Paladino, eu também posso deixar você fazer o serviço e depois cobrar. A mesma moleza.

Mas não é a mesma grana. Você continua ganhando uma merreca.

Tem vezes que eu tenho vontade de mudar de profissão.

Vou te dar o serviço, você é um colega, os colegas se ajudam, não se ajudam?

Ajudam.

Eu estava te baratinando. Eu sei de tudo. Pensa bem: como foi que eu te encontrei, como é que eu sabia que você estava seguindo a mulher de cabelos negros, como é que eu sabia que você tinha sido contratado para matar ela?

Você é da polícia?

Se eu fosse da polícia você já estava em cana levando porrada.

Somos colegas, mas você está só me enrolando.

Nós podemos deixar tudo como está, e deixar tudo como está significa eu ficar esperando você se mexer.

Eu também posso ficar esperando você se mexer.

Mas eu estou por dentro e você está por fora, você não sabe pra que lado eu vou me mexer, você não sabe nada. Sabia que o sujeito que te contratou é o mesmo que me contratou?

Por que que ele fez isso? O cara é maluco?

Não, de maluco não tem nada.

Será que ele achou que eu não ia dar conta do recado?

Ou então não gostou de você ver o rosto dele.

Eu não vi o rosto dele.

Bem, ele disse que você sabe demais.

Eu sei demais?

Sabe o nome dele e se for apanhado conta tudo pros tiras.

Eu não sei o nome dele.

Quer saber a verdade? Você aguenta?

Chuta!

O sujeito disse para eu matar você.

O Teté sabe disso? Eu mato aquele viado filho da puta.

Não estou falando do Teté, estou falando do outro, do sujeito que usou o Teté como intermediário.

Esse cara eu não sei quem é. O Teté me disse que era um cliente que apanhou ele na praia, de carro. O Teté entrou no carro pensando que ia fazer um programa mas o cara não queria sexo, deu uma grana pro Teté e perguntou se ele tinha alguém pra apagar uma mulher. Eu já apaguei um cara pro Teté. Então o Teté fez o preço, o cara deu a ele uma grana, a primeira parte, e o endereço e um retrato da mulher, disse que dava o resto da grana quando o serviço fosse feito. Eles vão se encontrar no mesmo lugar no dia seguinte ao que eu emplacar a dona. Estou acampanando ela, esperando uma brecha, e você aparece com essa história.

Cadê o retrato?

Por que eu vou te mostrar o retrato?

Está vendo aquele sujeito ali? Parado naquele carro? Parece um motorista de madame, não parece? Mas ele está comigo, é da minha equipe. E tem outro, num carro vermelho, na esquina. Você está empapado de suor, parece um picolé no sol, fica calmo, eu ainda não decidi o que eu e a minha turma vamos fazer.

Estou com uma quarenta e cinco nesta bolsa.

O volume é de trinta e oito. Antes de abrir todo o fecho éclair você é um homem morto.

Eu não sei o nome dele, o Teté não sabe o nome dele, como é que vamos caguetar o cara?

Ele pediu pra gente fazer também o serviço no Teté. Nós sabemos onde o Teté fica vestido de mulher pegando os fregueses.

Era noite. O cara ficou o tempo todo dizendo para o Teté, não olha pra mim, olha pra frente. A única coisa que o Teté viu foi uma mancha no pescoço.

Mancha no pescoço? Me dá o retrato.

Está na bolsa.

Deixa que eu tiro.

Roberto abre a bolsa de Gumercindo. Vê o trinta e oito enferrujado, apanha o retrato. Paula, sorridente.

Estou colaborando, cara, uma mão lava a outra.

Que idade você tem?

Vinte.

Quer o conselho de um veterano?

A gente vive neste mundo pra aprender.

Some. O Teté também some, arranja outro ponto. Vocês ficam com a primeira parcela da grana que ele deu. Eu vou dizer pro sujeito que liquidei vocês. Isso que eu estou te dando é coisa de pai pra filho. Vê lá, não vai me deixar mal.

Deixa comigo. Estou querendo me livrar disso. Desde o princípio achei que era uma pobre.

Diz ao Teté que ele vai sofrer muito se me deixar mal.

Deixa comigo.

Pode tirar o capacete. Eu sei tudo a seu respeito, sei até como você pegou a varíola.

Gumercindo tira o capacete.

Não quero mais ver a sua cara. Não cruza comigo, atravessa a rua antes. Se encontrar você perto da mulher de cabelos negros, você vai ser enterrado com marcas horríveis, essas sim. Estamos entendidos?

10

No motel, no centro da cidade.

Falei cuspiendo as palavras e fazendo caretas. Minha melhor interpretação de gângster. Você vai ser enterrado com marcas horríveis!

Podia não ser varíola.

Arrisquei. Acertei na mosca.

Uma mancha no pescoço. É uma mancha de nascença. Você notou a mancha, não notou, quando conheceu o Alfredinho naquela festa?

Agora que você falou...

Tirei essa foto no dia do nosso aniversário de casamento. Estou triste.

Não fica, não.

É chato saber que o marido está querendo matar a gente.

Você já sabia.

Mas não tinha certeza. Poxa, eu sempre tratei *e/le* bem. Quando *e/le* ficou doente eu cuidei *dele*.

Você disse que *e/le* tem uma saúde de ferro.

Uma vez *e/le* quebrou o braço e eu amarrava o sapato *dele*.

Ele usa sapatos com cordão?

Já te contei isso. Comprados na Inglaterra.

Eu tinha esquecido.

Sempre fui uma boa esposa, econômica, dedicada, só faço as coisas que *ele* aprova, *ele* não gosta de carne de porco, lá em casa não entra carne de porco, *ele* não gosta de telejornal, eu não vejo telejornal, *ele* não gosta que eu use vermelho, eu não uso vermelho, *ele* não gosta que eu use saia muito curta, eu não uso saia muito curta, *ele* não gosta que eu beba, eu não bebo. Com exceção de ver filmes, eu só faço o que *ele* gosta. E agora descubro que *ele* quer me matar por causa de uns míseros tostões.

Relação marido-mulher é essa mesmo. Não há marido que não tenha alimentado esse sonho: matar a mulher.

Por dinheiro?

Por dinheiro, por ciúmes, por cansaço, por saturação, por enfaro.

O que é enfaro?

Fastio, asco, repugnância, enjoo. É o principal motivo.

As mulheres também sentem isso pelos maridos. Quando viajei com Alfredinho pela última vez não houve um momento sequer em que eu tivesse vontade de fazer amor com *ele*. Nem *ele* comigo. *Ele* só pensava nos restaurantes, nos vinhos, nas comidas. Os intestinos passaram a ser mais importantes do que o coração.

O intestino nunca dorme.

É verdade. O *dele* passava a noite acordado, fazendo barulho. Mas o pênis estava sempre dormindo. Quando a mulher começa a se afastar do marido ela passa a notar a barriga saliente *dele*, as

histórias repetidas, a mesquinhez, o pênis flácido, a burrice, o cheiro do suor *dele*. *Ele* diz que só vê os filmes bons, mas quem só vê os filmes bons não gosta de cinema.

Isso é enfaro.

A mulher que ama não vê nada disso. Eu não vejo nada disso em você.

O meu pau está sempre duro.

Você acha que antigamente era melhor, quando a gente não sabia nada a respeito um do outro?

Não. O mistério era bom mas a falta de confiança não era.

Está duro mesmo. Vem, diz que adora foder comigo.

11

Alfredinho procura por Teté na avenida Atlântica. Teté sumiu.

Alfredinho não sabe o que fazer.

Paula anda estranha. Alfredinho teme que ela tenha descoberto a existência de Clarinha. Agora ele está em seu matadouro, é assim que ele chama, secretamente, o lugar onde se encontra com mulheres, mas para sua secretária, Clarinha, com quem conversa nesse momento, ele chama o lugar de nosso ninho de amor.

Será que a Paula sabe alguma coisa?

Por que você desconfia que ela desconfia?

Palpite.

Você disse que estava tudo resolvido. Como é que estava tudo resolvido? *Como foi* que tudo estava resolvido? De que maneira você resolveu tudo? Você não me disse como foi.

Porra, Clarinha, que interrogatório!

Como é que uma coisa resolve e depois desresolve?

Essa palavra não existe.

Eu já fiz as malas.

Que malas?

As malas.

Nós não vamos a lugar nenhum.

Não vamos a lugar nenhum? E a viagem a Miami?

Não vamos a lugar nenhum.

Vamos ficar aqui sentados?

Podemos ficar de pé.

Senta, Alfredinho. Você me põe nervosa.

Eu também estou nervoso. Minha vida é mais complicada que a sua.

Por quê? Prova.

Você não precisa arranjar dinheiro. Eu arranjo para nós dois. A única coisa realmente complicada na vida é arranjar dinheiro. O resto sai na urina.

E cuidar de mãe parálitica?

Quem cuida é a enfermeira.

E ser amante de homem casado?

É pior ser homem casado amante de mulher solteira.

E ter que pedir dinheiro pro amante?

É pior ter que dar dinheiro pra amante.

Ah, é?! Não quero mais um tostão seu.

Eu estava brincando. Ei, aonde é que você vai? Abre a porta, Clarinha.

Roberto

Fiz um balanço da situação. Você é o meu verdadeiro marido. Eu não larguei o meu marido convencional e você não largou a sua mulher convencional porque, vamos falar a verdade, somos dois hedonistas epicuristas que não querem perguntar o preço das coisas antes de comprá-las. Para podermos continuar vivendo uma vida boa nós tínhamos — rasga esta carta em mil pedacinhos, logo depois que acabar de ler, resolvi escrever porque os telefones estão uma merda — que matar ou o Alfredinho ou a Lúcia. Mas não conseguimos fazer nem uma coisa nem outra. E agora quem quer me matar é ele. Esse negócio está azedando. Vamos matar logo o Alfredinho. Se você não fizer isso, eu faço. Não aguento mais ficar fazendo mímica na frente dele. Estou louca para foder com você e depois ir ao cinema. Rasga a carta. Eu te amo. Paula.

P.S. Outra coisa: Fiz o exame, como você mandou. A gravidez era psicológica. Até isso.

Paula

Não temos que matar ninguém, tenho um plano. Você pode ir lá na quinta-feira?

Roberto.

Foi a primeira carta em que você não escreveu eu te amo.

Eu te amo.

Agora é tarde. E tua boca não é carta. E você não disse que estava triste por eu não carregar mais o seu filho na minha barriga.

Até que foi melhor assim. A gente tem muito tempo para ter filho.

E se você for estéril?

Não sou.

Tem certeza? Você não conseguiu engravidar a Lúcia.

A Lúcia é que é infecunda. Fizemos os exames. E você?

Eu o quê?

Por que vocês não tiveram filhos?

Alfredinho.

Não quer saber o meu plano?

13

Sabemos que Roberto nunca trabalhou e sua única habilidade é imitar James Cagney, Jimmy Stewart, Boris Karloff, e fingir-se de matador de mulheres de cabelos negros. Na verdade ele imita também, ao contar piadas, o sotaque de português, alemão, francês e americano e os trejeitos de pederastas e aleijados.

Hoje pela manhã, quando Alfredinho foi para o trabalho, Paula fez as malas e foi para a rua Desembargador Isidro. À tarde a secretária entrou na sala de Alfredinho com um cartão onde estava escrito dr. Vieira Souto — Advogado.

O sujeito está na sala de espera. Diz que é um assunto do seu máximo interesse.

Meu ou dele?

Só pode ser seu.

Você disse que eu estava?

Disse.

Clarinha, quantas vezes eu já lhe disse para não dizer que eu estou? Você deve sempre dizer — ele não está, qual é o assunto?

Você não disse nada disso.

Milhares de vezes.

Não me lembro. Quer que eu diga isso para o sujeito?

Não. Manda entrar.

O dr. Vieira Souto entra na sala ajeitando o bigode e o cavanhaque.

Tenha a bondade de sentar.

O dr. Vieira Souto senta-se.

Parente da avenida?

Distante.

Posso lhe perguntar uma coisa?

Pode.

Por que os seus óculos não têm lente?

O senhor notou?

Notei.

É uma longa história, que eu talvez lhe conte mais tarde.

Vieira Souto coloca a armação de óculos no bolso do paletó, ajeita o nó da gravata, pigarreia.

O que me traz aqui é um assunto da maior delicadeza.

Estou curioso. Isso dos óculos sem lente.

É uma promessa. Promessas são sempre idiotas e difíceis de explicar. Podemos deixar isso para depois?

Claro.

O senhor já deve ter ouvido falar do nosso escritório Vieira Souto, Silva Jardim e Radagásio Taborda? Esse e é um ampersand.

Acho que sim. Não tenho certeza.

Somos especializados em direito criminal.

Sou todo ouvidos.

Vou direto ao ponto, para não gastar o seu tempo e o meu.

Sim, vá direto ao ponto.

Temos em nosso poder — veja bem, não se trata de cárcere privado, essas partes estão voluntariamente, repito, voluntariamente, sob a nossa guarda — os senhores Temístocles Silva, também conhecido como travesti Teté, e Gumercindo Ribeiro, natural de Juiz de Fora, Minas Gerais, que se diz matador profissional de mulheres. Posso continuar? Eles, os dois, afirmam, e estão dispostos a depor na polícia e nos tribunais, que o senhor os contratou para matar a sua esposa, dona Paula Freitas. Temos depoimentos assinados pelos dois perante testemunhas idôneas, com detalhes dessa sinistra empreitada criminoso. Quer que eu continue, está sem palavras? Quer consultar um advogado da sua confiança? Está sem palavras? O senhor foi visto em seu carro com o travesti, já temos também o depoimento dessa testemunha. Talvez tenha uma outra explicação para isso, talvez tenha uma explicação para o retrato da senhora sua esposa estar em poder do matador Gumercindo, talvez tenha uma explicação para a sua conta secreta

na Suíça, digo, no Barclays, mas acho improvável que a sua versão receba um bom acolhimento. Faltam-lhe palavras?

14

Vem, vem, entra dentro de mim, diz que adora foder comigo.

Paula não tira o vestido, apenas as roupas íntimas, Roberto gosta de ver o pouco caso que ela tem pelas suas roupas caras, e os dois se beijam de olhos abertos, ela aprendeu a fazer isso sem se importar de ficar vesga, e ele entra dentro dela, e permanece um longo tempo dentro dela, e eles ficam felizes e suados e rolam na cama, e ela olha para o relógio e diz que estão fodendo há mais de uma hora.

Por que você foi com uns óculos sem lente?

Tirei daquele filme.

Pamonha.

Foi a minha melhor interpretação. *Ele* ficou apavorado. Tenho aqui as instruções para o banco, assinadas por *ele*, abrindo duas contas, uma no seu nome, outra no nome *dele*, mais de um milhão de dólares cada uma, contas que só podem ser movimentadas individualmente. Você assina aqui, eu envio para o Barclays e está tudo resolvido.

Não é muito dinheiro.

É verdade.

Vamos acabar tendo de matar... *ela*...

A longo prazo, também *ele*.

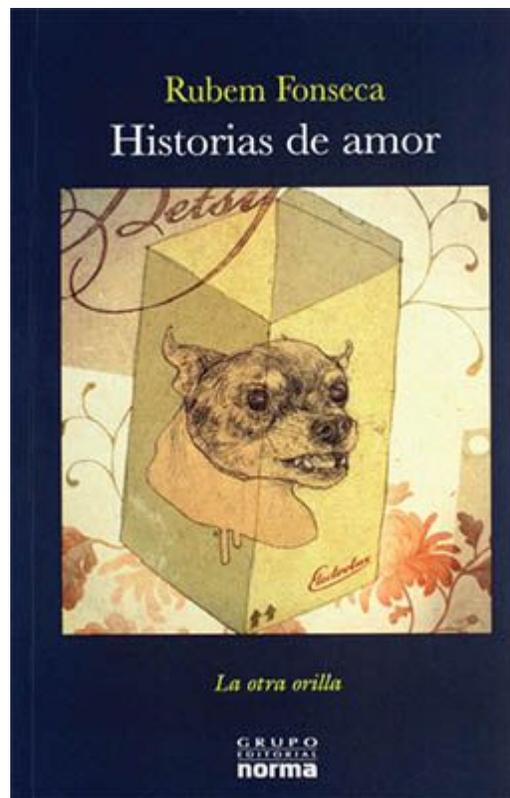
Parece um filme.

O que seria do mundo se o cinema não tivesse sido inventado?
Horível.

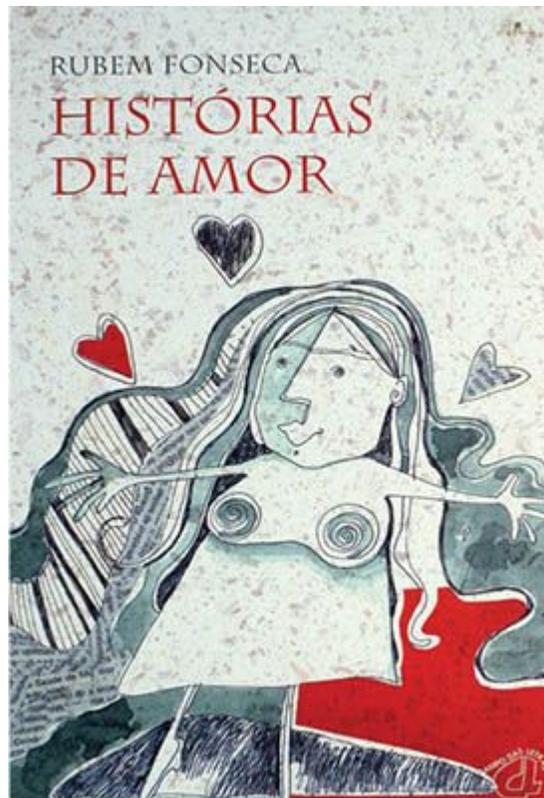
Vastas emoções

Sérgio Augusto

Estas sete histórias de amor chegaram pela primeira vez às livrarias em agosto de 1997, editadas pela Companhia das Letras e acompanhadas, numa pequena caixa, de outro livro de Rubem Fonseca, a novela *E do meio do mundo prostituto só amores guardei ao meu charuto*. Formavam uma dupla harmoniosa; tematicamente, sem dúvida alguma, com uma boa dose de sexo, violência e crimes passionais nos dois volumes. No mesmo ano, outra editora lançou aqui uma coletânea homônima de contos de Adolfo Bioy Casares, conhecida dos argentinos desde 1972 e tão excêntrica quanto a de Rubem Fonseca, que, vale lembrar, já homenageara o autor de *A invenção de Morel* com o seu *O caso Morel*, nome cuja genealogia literária remonta a um assustador romance de ficção científica de H.G. Wells, *A ilha do dr. Moreau*, publicado em 1896.



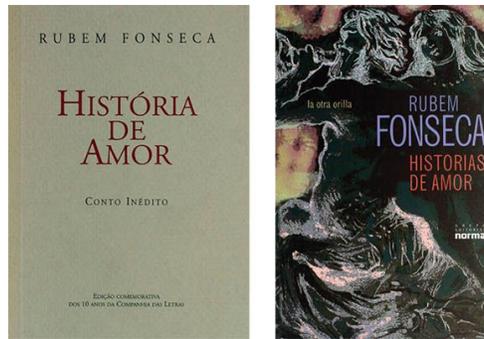
De que modo excêntrica? Assim como as de Bioy Casares, as histórias de amor de Rubem Fonseca nada têm de romântico ou sentimental. Sua epígrafe, emprestada do dramaturgo francês Jean Anouilh, sintetiza e dá o tom à crueza das últimas seis narrativas: a vida é a maior inimiga do amor. Nem a viagens de núpcias ela dá colher de chá.



A primeira história, "Betsy", exceção até no tamanho (apenas sete parágrafos), é a única envolvendo um homem e um animal. Alguns críticos tomaram Betsy por uma cadela, de resto amada por seu dono como nenhuma fêmea dos demais contos é (ou merece ser) amada. A quem interessar possa: Betsy é uma gata. A verdadeira Betsy, inspiração da siamesa de Mandrake no romance *A grande arte*, viveu 18 anos na companhia de Rubem Fonseca, que nunca deixou de acreditar que "o mundo precisa mais de gatos que de gente", e, na evocação dos últimos dias de sua musa de olhos azuis e pelo curto, injetou um tipo de emoção inédito em sua obra.



A segunda história, “Cidade de Deus”, um pacto de sangue alimentado pelo ciúme e pela sede de vingança, com tinturas sofocianas e rodriguianas, foi adaptada ao cinema pelo cineasta mexicano Paul Leduc, em 2006, junto com outros contos de Rubem Fonseca. Um deles, “O cobrador”, deu título ao filme, quando nada para evitar que o confundissem com o homônimo hit internacional de Fernando Meirelles e Kátia Lund, baseado no romance de Paulo Lins, por sinal também publicado em 1997. Na tela, o traficante Zinho virou um delegado de polícia, interpretado por Milton Gonçalves, com a aprovação do autor, que, no entanto, recusou-se a participar da confecção do roteiro.



Em “O anjo da guarda” e “O amor de Jesus no coração”, reaparecem dois personagens da *stock company* do escritor: o José de “A matéria do sonho” (um dos contos de *Lúcia McCartney*) e de “O livro de panegíricos” (uma das histórias de *Romance negro*) e o perseverante investigador Guedes de *Bufo & Spallanzani*. Cuidar de velhinhos é a sina de José, desta feita às voltas com uma velhinha marcada para morrer justo pelo filho do dr. Baglioni, o macróbio advogado eutanasiado por José com uma overdose de Lexotan em “O livro de panegíricos”. Guedes é um policial do bem, como os recorrentes Vilela e Matos, grosseiro só da boca pra fora, ao contrário do parceiro Leitão, grosseiro da boca pra dentro: um crente com “Jesus no coração” e o demônio na alma.

Com um título horaciano, “Carpe diem” é a história de amor mais longa, praticamente uma novela sobre um caso de adultério com *dúbio happy ending*. Misturando-se a juras de amor, cobranças, promessas e ameaças dialógicas e epistolares, um desfile de referências cinematográficas, marca registrada do autor, aqui mais do que nunca justificadas porque ela (Paula e/ou Sabrina) é uma cinéfila compulsiva, ele (Roberto, o amante adúltero), um exímio imitador de James Cagney e Boris Karloff, e ambos apóstolos da

ideia de que o mundo seria horrível se o cinema não tivesse sido inventado.



São frequentes as alusões diretas e indiretas a filmes como *Uma vida por um fio* (*Sorry, Wrong Number*), *Janela indiscreta*, qualquer uma das três versões para o cinema de *O destino bate à sua porta* (*The Postman Always Rings Twice*), *Pacto de sangue* (*Double Indemnity*) e outras variações em torno do tema do assassinato conjugal que, no final das contas, talvez acabem dando razão ao protagonista de "Carpe diem", para quem existem mais filmes de marido querendo matar a mulher do que de mulher querendo matar o marido.

A certa altura do nono “capítulo” de “Carpe diem”, Roberto identifica-se a um bandido como Paladino. É a referência cinematográfica mais sibilina da noveleta; a bem dizer, uma referência televisiva. Paladino era o singular pistoleiro da série *Paladino do Oeste (Have Gun-Will Travel)*, exibida na televisão americana entre 1957 e 1963 e no Brasil só transmitida na década seguinte. Encarnado por Richard Boone, era um *gentleman* epicurista, apreciador de bons vinhos e fã de ópera. Oficial formado na Academia de West Point, falava várias línguas e adorava citar clássicos da literatura. Um caubói que Rubem Fonseca poderia ter inventado.

Avesso à violência, Paladino só matava em último recurso. Sempre vestido de preto, em franco desafio ao maniqueísmo cromático dos westerns, seu cartão de visita continha o desenho de um cavalo de xadrez e a inscrição “Paladino, *have gun-will travel*”, a mesma que Roberto diz haver posto em seu cartão de visita, por ele traduzida como “Paladino, tem revólver, pode viajar”. A tradução seria perfeita com o verbo na primeira pessoa do singular: “Paladino, tenho arma, posso viajar.”

RESENHA¹

Ermínio Rodrigues

Lançadas ao mesmo tempo, estas obras seguem as linhas básicas do autor, em cuja criação sobressaem tematicamente a solidão do homem contemporâneo, os problemas decorrentes das desigualdades sociais, a emergência do sexo, a violência institucionalizada e, sobretudo, a aventura existencial no submundo metropolitano.

Histórias de amor, livro de contos, com o mesmo título dado por outros escritores (cf., por exemplo, Paul Ernst, 1929, e Adolfo Bioy Casares, 1987), foge do convencionalismo do gênero, como a epígrafe de Jean Anouilh, colocada antes do índice, se apressa a advertir: "Há o amor, é claro. E há a vida, sua inimiga". Os contos trazem as mesmas marcas realistas ou hiper-realistas a que os leitores estão habituados (cf. *Os prisioneiros*, 1963; *A coleira do cão*, 1965; *Lúcia MacCartney*, 1969; *Feliz ano novo*, 1975; *O cobrador*, 1979; *Romance negro e outras histórias*, 1992; *O buraco na parede*, 1995). Variam de intensidade e de extensão (cf. "Betsy", p. 9-11;

“Cidade de Deus”, p. 13-16; “Família”, p. 17-24; “O anjo da guarda”, p. 25-36; “Viagem de núpcias”, p. 37-60; “O amor de Jesus no coração”, p. 61-84; “Carpe diem”, p. 85-146).

A maestria do autor logo se revela no primeiro conto — “Betsy” —, em que os limites entre o homem e o animal se diluem e a excepcionalidade reside nos fatos. Um homem solitário vive há 18 anos em companhia de um animal de estimação, a cadela Betsy, que trata com o desvelo que concederia a um ser humano, especialmente quando necessitado de cuidados e próximo da morte. Não há menção explícita de que se trate de uma cadela. Mas indícios que o leitor atento recolhe à medida que lê, a começar pelo nome Betsy, que, por sugestão fônica, a enciclopédia do leitor pode levar a relacionar com Lassie, da série cinematográfica e televisiva, notabilizada por uma estoica bravura.

Em “Cidade de Deus”, título irônico para uma narrativa que mimetiza a realidade conturbada do mundo das drogas, uma mulher pede ao traficante com quem vive que mate um menino de sete anos para se vingar da mãe da criança, que, tempos atrás, lhe roubou o namorado. Aqui, como nos outros textos, a linguagem ajusta-se perfeitamente à condição sociocultural dos protagonistas.

Em “Família”, Rubem Fonseca retoma com habilidade o tema da homossexualidade feminina num internato de freiras. O narrador, equidistante, predispõe o leitor a encarar com neutralidade as relações amorosas entre Dora e Eunice, dadas as particularidades de que se revestem as ações e o comportamento das personagens. Outro elemento condicionador da reação do leitor reside na

funcionalidade semântico-pragmática do título, que se conecta, ao longo do conto, com os sentidos dominantes do texto.

Em “O anjo da guarda”, a focalização revela-se especialmente adequada ao devassamento das motivações do narrador-protagonista, um assassino de aluguel que, contrariamente ao horizonte de expectativas do leitor, poupa a vítima e executa os mandantes do crime. Este herói problemático já aparecera em “O livro de panegíricos” (de *Romance negro e outras histórias*).

Em função da economia da narrativa, as indicações cênicas são sumárias e os diálogos, fluentes e breves. O narrador de “Viagem de núpcias” acompanha as peripécias de um homem que, acostumado a relacionar-se com garotas de programa, se sente, a princípio, inibido diante da esposa, antiga vizinha e companheira de infância, e, depois, bloqueado por um problema fisiológico (caso de retenção anal), que interfere no seu desempenho sexual. Por caminhos estranhos, que a psicanálise explica, o marido consegue ver a esposa desmitificada da aura de pureza e santidade e supera, com a sua ajuda e compreensão, todos os obstáculos, chegando ao prazer desejado. Um elemento antecipador e irônico talvez resida no nome de uma das corredeiras famosas por onde o casal viaja de barco, a Satan’s Gut (p. 43), com duas leituras possíveis: estreito de Satanás ou tripa de Satanás.

Com a costumada competência, mormente quando se trata de narrativas que envolvem polícias, Rubem Fonseca, em “O amor de Jesus no coração”, traça os perfis, fortemente contrastantes, de dois detetives (Guedes e Leitão) que investigam a morte de duas meninas, alunas de um colégio de freiras. O jogo de caracteres

acentua-se principalmente nos diálogos, onde se confrontam duas visões de mundo, no que respeita à profissão (métodos de trabalho diferentes), à religião (ideologia aberta/ideologia fechada) e à linguagem (com palavras obscenas ou sem elas). Guedes, aqui, continua aquele agente de polícia do romance *Bufo & Spallanzani*, adepto do Princípio da Singeleza ou da Parcimônia na solução de um mistério.

“Carpe diem”, título horaciano, traduz bem as ações de um homem e uma mulher que se conhecem numa festa de passagem de ano e se tornam amantes. É o conto mais longo do livro (61 páginas) e nele se entremeiam diálogos e cartas, além de referências constantes a cineastas — Buñuel, Hitchcock, Spielberg, David Lynch —, a atores famosos — James Cagney, Humphrey Bogart, Boris Karloff, Peter Sellers —, a filmes — *Homem-elefante*, *Janela indiscreta* — e ao cinema — “Como seria o mundo quando não havia cinema?” (p. 88), “O que seria do mundo se o cinema não tivesse sido inventado?” (p. 146) —, como a sugerir, a partir dos protagonistas dados ao hedonismo, que a vida se parece com um filme, ora pelas peripécias a que nos expõe ora pela descontração que nos proporciona. A ideia de eliminar os cônjuges ou de explorá-los decorre de um plano engendrado num filme (cf. p. 130).

Quanto ao outro livro, cujo título reproduz dois versos de *O poema do Frade*, de Álvares Azevedo (cf. p. 168-169), pode dizer-se, em síntese, que foi bem-concebido e, pelas soluções técnico-literárias encontradas, muito bem-executado. Trata-se da primeira novela do autor, que antes produzira as várias obras de contos supramencionadas e os seguintes romances: *O caso Morel* (1973), *A*

grande arte (1983), *Bufo & Spallanzani* (1985), *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* (1988), *Agosto* (1990) e *O selvagem da ópera* (1994). Nele reaparecem várias personagens importantes do universo fonsequiano: Mandrake, advogado (*A grande arte*), Gustavo Flávio, escritor (*Bufo & Spallanzani*), Raul, delegado (*A grande arte*), além de Guedes (*Bufo & Spallanzani* e "O amor de Jesus no coração").

Rubem Fonseca cria uma novela polifônica, graças a duas opções estratégicas. Por um lado, faz com que o narrador inicialmente assuma a função de editor: "Com base nessas cópias textuais preparei resumos, para diminuir o papelório. Mas às vezes, ou por ser muito trabalhoso fazer essa síntese ou porque era mais esclarecedor manter a dicção original do falante, mantive *ipsis verbis* certos trechos. (Estão entre aspas.) Nesses casos, para tornar a exposição mais compreensível, acrescentei pequenos parágrafos" (p. 7-8). Por outro lado, restringe a focalização do narrador-personagem, que funciona como observador, como refletor dos acontecimentos, sem poder dilucidar nem as dúvidas nem os silêncios.

Os depoimentos transcritos e as cartas semeadas ao longo do texto multiplicam as vozes em torno do mistério dos vários crimes. A focalização restritiva, em que se mantém a intensidade da ilusão e em que se deixam possibilidades em aberto, leva o leitor a envolver-se na história e a tentar decifrar o enigma. No final, Raul acha que os crimes foram desvendados; Mandrake tem suas dúvidas, tal como o leitor. O focalizador (autor implicado) projeta sobre o narrador-personagem (Mandrake) e sobre algumas outras personagens

(Gustavo Flávio e Amanda) certas atitudes culturais que perfilha: o gosto do vinho e, sobretudo, dos charutos, citados no título (“só amores guardei ao meu charuto”), na epígrafe de Molière, no *Don Juan ou banquete de pedra* (“Não há nada igual ao tabaco — é a paixão das pessoas decentes e aqueles que vivem sem tabaco não merecem viver”) e ao longo do livro (poder-se-ia elaborar um glossário). Sem esquecer as reflexões sobre a arte narrativa, devidas às digressões de Gustavo Flávio.

O autor

Contista, romancista, ensaísta, roteirista e “cineasta frustrado”, Rubem Fonseca precisou publicar apenas dois ou três livros para ser consagrado como um dos mais originais prosadores brasileiros contemporâneos. Com suas narrativas velozes e sofisticadamente cosmopolitas, cheias de violência, erotismo, irreverência e construídas em estilo contido, elíptico, cinematográfico, reinventou entre nós uma literatura *noir* ao mesmo tempo clássica e pop, brutalista e sutil — a forma perfeita para quem escreve sobre “pessoas empilhadas na cidade enquanto os tecnocratas afiam o arame farpado”.

Carioca desde os oito anos, Rubem Fonseca nasceu em Juiz de Fora, em 11 de maio de 1925. Leitor precoce porém atípico, não descobriu a literatura (ou apenas o prazer de ler) no *Sítio do Pica-pau Amarelo*, como é ou era de praxe entre nós, mas devorando autores de romances de aventura e policiais de variada categoria: de Rafael Sabatini a Edgar Allan Poe, passando por Emilio Salgari, Michel Zévaco, Ponson du Terrail, Karl May, Julio Verne e Edgar

Wallace. Era ainda adolescente quando se aproximou dos primeiros clássicos (Homero, Virgílio, Dante, Shakespeare, Cervantes) e dos primeiros modernos (Dostoiévski, Maupassant, Proust). Nunca deixou de ser um leitor voraz e ecumênico, sobretudo da literatura americana, sua mais visível influência.

Por pouco não fez de tudo na vida. Foi office boy, escriturário, nadador, revisor de jornal, comissário de polícia — até que se formou em direito, virou professor da Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas e, por fim, executivo da Light do Rio de Janeiro. Sua estreia como escritor foi no início dos anos 1960, quando as revistas *O Cruzeiro* e *Senhor* publicaram dois contos de sua autoria.

Em 1963, a primeira coletânea de contos, *Os prisioneiros*, foi imediatamente reconhecida pela crítica como a obra mais criativa da literatura brasileira em muitos anos; seguida, dois anos depois, de outra, *A coleira do cão*, a prova definitiva de que a ficção urbana encontrara seu mais audacioso e incisivo cronista. Com a terceira coletânea, *Lúcia McCartney*, tornou-se um best-seller e ganhou o maior prêmio para narrativas curtas do país.

Já era considerado o maior contista brasileiro quando, em 1973, publicou seu primeiro romance, *O caso Morel*, um dos mais vendidos daquele ano, depois traduzido para o francês e acolhido com entusiasmo pela crítica europeia. Sua carreira internacional estava apenas começando. Em 2003, ganhou o Prêmio Juan Rulfo e o Prêmio Camões, o mais importante da língua portuguesa. Com várias de suas histórias adaptadas para o cinema, o teatro e a televisão, Rubem Fonseca já publicou 13 coletâneas de contos e 12

livros, entre romances e novelas. Em 2011, publicou *Axilas e outras histórias indecorosas* e a novela *José*.

COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO

Sérgio Augusto

EDITORAS RESPONSÁVEIS

Janaína Senna

Maria Cristina Antonio Jeronimo

PRODUÇÃO

Adriana Torres

Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Ângelo Lessa

Rachel Rimas

REVISÃO

Sabrina Primo

Zaira Mahmud

DIAGRAMAÇÃO

DT Phoenix Editorial

CAPA

Retina 78

PRODUÇÃO DE EBOOK

S2 Books

Visite nosso site: www.novafronteira.com.br

1 Texto publicado em janeiro de 1998 na revista *Colóquio/Letras*, Recensões Críticas, nº 147/148, p. 385-387. As páginas citadas ao longo do texto, referentes à edição publicada pela Companhia das Letras, foram alteradas de acordo com a edição atual para facilitar a consulta.